

ESCOLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FILOSOFIA ÉTICA E POLÍTICA

KELVIN AMORIM DE MELO

**RELIGIÃO E SENTIMENTO DE DESAMPARO: UMA ANÁLISE POLÍTICA DO
PENSAMENTO LUDWIG FEUERBACH**

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

KELVIN AMORIM DE MELO

**RELIGIÃO E SENTIMENTO DE DESAMPARO: UMA ANÁLISE POLÍTICA DO
PENSAMENTO LUDWIG FEUERBACH**

Dissertação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Draiton Gonzaga de Souza

Porto Alegre
2023

Kelvin Amorim de Melo

**RELIGIÃO E SENTIMENTO DE DESAMPARO: UMA ANÁLISE POLÍTICA DO
PENSAMENTO LUDWIG FEUERBACH**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 31 de Agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Porto Alegre

2023

DEDICATÓRIA

À Jane Melo, minha esposa e ouvinte das minhas inquietações.

AGRADECIMENTOS

À PUCRS pela confiança depositada em minha potencialidade enquanto pesquisador.

Ao CNPq pela concessão da bolsa de estudos, que seria impossível conseguir tal feito sem o auxílio financeiro.

Ao meu orientador Draiton pela paciência, confiança e por ter me mostrado novas perspectivas do ato do pensar crítico.

Ao professor Agemir, que tanto me influenciou e auxiliou no percurso interdisciplinar.

A todos os colegas conquistados durante o percurso acadêmico no Rio Grande do Sul pela calorosa acolhida.

À humanidade, que senão fosse pelo caos existente no mundo, este trabalho não seria necessário.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo explicar a noção de sentimento de desamparo político utilizando-se como pressuposto teórico à teoria feuerbachiana que se segue a partir do sentimento de dependência, tema desenvolvido por Feuerbach ao longo de duas de suas principais obras: *A Essência do Cristianismo* e *Preleções sobre a Essência da Religião*. Nessas obras Feuerbach dá destaque ao fundamento da existência humana, nas quais fundamenta sua antropologia ao tomar como base o ser humano integral. Apesar de não tratar exclusivamente sobre o sentimento de desamparo e sua relação com a política, Feuerbach, ao que nos parece, dá fortes indícios dessa relação que se desenvolve ao longo dos tempos, desde as religiões naturais até mesmo aos monoteísmos contemporâneos. Apesar de ser acusado por inúmeros filósofos e intelectuais de ter sua filosofia desvinculada das questões materiais e do ostracismo acadêmico, Feuerbach mostra-se um autor bastante atual e relevante para academia universitária e sociedade. Segundo Feuerbach, a religião, fenômeno constitutivo dos seres humanos, deixou de ser utilizada como uma forma de explicação para fenômenos aos quais o conhecimento humano ainda não possuía acesso para ser utilizada como forma de manutenção das mazelas sociais. Nesse sentido, a religião em Feuerbach se assemelha a uma forma de conhecimento primitivo que pode ser justificável na medida em que os seres humanos não possuíam condições de explicar os desastres que lhes afetavam e nem podiam fazer nada diante deles, tais como a falta de chuva, os raios, os trovões e talvez a própria escassez alimentar. O que se pode observar na contemporaneidade é que apesar de toda a tecnologia desenvolvida pelos seres humanos e conhecimento acerca do funcionamento natural do mundo, ainda existe fome, pestes, falta de acesso à educação, moradia. Assim, o sentimento de desamparo humano se dá em dois níveis: o de Deus e do Estado. Dessa forma, desamparo do homem contemporâneo é revertido através da crença em Deus, mas diferentemente das religiões naturais, não mais como fenômeno explicativo do ordenamento do mundo, mas como mantenedor das mazelas e desgraças sociais, visto que os temas que são de ordem política, ou seja, do Estado, são lançados para a intervenção divina. Essa intervenção divina nunca ocorre, pois a saúde, a alimentação, moradia e educação são assuntos da política, ou seja, da comunidade humana e devem, antes de qualquer coisa, serem discutidas pelos próprios seres humanos. Feuerbach está longe de ser um ateu inveterado, e defende até mesmo a liberdade religiosa, mas nos parece sim um entusiasta político que vê que a religião foi transformada no princípio explicativo das desgraças e mazelas humanas que deveriam ser pensadas e discutidas pelos próprios seres humanos em comunidade.

Palavras-chave: Feuerbach. Desamparo. Política. Comunidade. Religiões.

ABSTRACT

The present dissertation aims to explain the notion of a sense of political helplessness using Feuerbach's theory as a theoretical premise, which follows from the feeling of dependence, a theme developed by Feuerbach in two of his main works: 'The Essence of Christianity' and 'Lectures on the Essence of Religion.' In these works, Feuerbach emphasizes the foundation of human existence, upon which he bases his anthropology by taking the integral human being as the basis. Although he does not exclusively address the feeling of helplessness and its relationship with politics, Feuerbach, it seems, provides strong indications of this relationship that has evolved over time, from natural religions to contemporary monotheisms. Despite being accused by numerous philosophers and intellectuals of having a philosophy disconnected from material issues and academic ostracism, Feuerbach remains a highly relevant and current author for both the academic community and society. According to Feuerbach, religion, a constitutive phenomenon of human beings, has ceased to be used as a way to explain phenomena to which human knowledge did not yet have access, and instead has been used as a means to perpetuate social ills. In this sense, Feuerbach's view of religion resembles a form of primitive knowledge that can be justifiable to the extent that human beings were unable to explain disasters that affected them and could do nothing about them, such as drought, lightning, thunder, and perhaps even food scarcity. What can be observed in contemporary times is that despite all the technology developed by humans and knowledge about the natural functioning of the world, there is still hunger, epidemics, lack of access to education, and housing. Thus, the sense of human helplessness occurs on two levels: that of God and the State. Therefore, the contemporary human's sense of helplessness is reversed through belief in God, but unlike natural religions, God is no longer seen as an explanatory phenomenon of the order of the world but as a maintainer of social ills and misfortunes, since issues that are of a political nature, that is, related to the State, are left to divine intervention. This divine intervention never occurs because health, food, housing, and education are matters of politics, that is, of the human community, and should, above all, be discussed by human beings themselves. Feuerbach is far from being an inveterate atheist and even defends religious freedom, but he does seem to be a political enthusiast who sees that religion has been transformed into the explanatory principle of human misfortunes and ills that should be thought about and discussed by human beings in the community.

Keywords: Feuerbach. Helplessness. Politics. Community. Religions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LUDWIG FEUERBACH: VIDA, OBRA E CONTEXTO POLÍTICO-RELIGIOSO	17
2.1 Ludwig Feuerbach: vida, obra e pensamento	17
2.2 Religião em Feuerbach: crítica e análise	18
2.3 Religião e política em Feuerbach: conexões e contradições	24
3 RELIGIÃO E POLÍTICA EM FEUERBACH	29
3.1 Religião como fator de alienação política	29
3.2 Análise do sentimento de desamparo como consequência da religião	35
3.3 Crítica ao papel da religião na formação da sociedade política: uma aproximação inicial ao problema	40
4 SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA E A CRÍTICA À RELIGIÃO EM FEUERBACH: O SURGIMENTO DO DESAMPARO	47
4.1 Religiões Naturais e o sentimento de dependência à natureza	47
4.2 cristianismo e estranhamento à natureza: uma alternativa ilusória ao sentimento de desamparo	53
4.3 Sentimento de dependência em Feuerbach: conceito e implicações	58
4.4 Medo e sentimento de agradecimento nas religiões	61
5 A POLÍTICA COMO ALTERNATIVA AO SENTIMENTO DE DESAMPARO EM FEUERBACH	62
5.1A noção de política em Feuerbach 62	62
5.2 A nova política como alternativa ao sentimento de desamparo	69
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

1 INTRODUÇÃO

O final do século XVII foi marcado por inúmeras revoluções e quebras de paradigmas que abriram portas para novas compreensões a respeito da constituição do mundo humano. A busca por uma explicação para a realidade e seus fenômenos passou a ser compreendida a partir do próprio homem. Com o rompimento da crença medieval em relação a entidades transcendentais, iniciou-se a ascensão da explicação dos fenômenos humanos a partir do próprio homem no que diz respeito aos fenômenos históricos, culturais e sociais da humanidade, o que teve como consequência a perda das compreensões teológicas acerca do mundo e da humanidade. Assim, o fenômeno religioso foi considerado sob outras perspectivas, de cunho psicológico, por exemplo. Com o nascimento e ascensão do positivismo, acreditava-se que o conhecimento científico sanaria todas as necessidades dos humanos contrapondo o obscurantismo religioso.

De acordo com Dalgarrondo (2008) no final do século XIX, já na modernidade, Tylor (1832 – 1917) define a religião como a crença em seres espirituais; Muller (1823 – 1900) como a possibilidade de experimentar o finito no infinito; Durkheim (1858 – 1917) definiu a religião como um conjunto de práticas que tenham caráter de sacralidade; Weber (1864 – 1920) entende-a como um sistema de regulação das condutas dos indivíduos; para Erik Erikson (1902 – 1994) a religião pode ser compreendida como a própria existência humana, mas que é revelada metaforicamente através do mito.

Dessa forma, é perceptível que a religião recebe diversos significados ao longo dos períodos históricos de acordo com a mudança de compreensão de mundo dos indivíduos. Para os gregos, representava a virtude e o vício humano, para os medievais representava a possibilidade do além, para os modernos, algo nocivo e que deveria ser repensado. O iluminismo francês e alemão foram os grandes responsáveis por difundir essa perspectiva contrária à religião ao tratá-la como um fenômeno inventado pelo ser humano, assim como qualquer coisa que ele toca. O iluminismo não buscava negar a existência de Deus pois não o concebia como uma verdade, mas como uma lacuna do conhecimento humano acerca da realidade.

O processo de secularização nos mostra o enfraquecimento da religião na contemporaneidade¹ ocasionado pelo avanço da ciência e da técnica. Mas em que sentido houve esse enfraquecimento? É de se perguntar se a religião de fato se enfraqueceu ou mudou sua face frente a sociedade, uma vez que a técnica e a ciência parecem nos conduzir a um

¹ Cf. *Em nome de Deus* – Karen Armstrong. pps. 20-56.

“reencantamento do mundo”. Esse abandono do deus transcendental e o desenvolvimento da ciência foi suficiente para resolver as questões sociais? A política, ou seja, o ordenamento jurídico criado pelos homens para dar conta de sua organização social, está sendo favorável ao desenvolvimento humano oferecendo tudo aquilo que ele precisa para sobreviver? Dá mesma forma, pode-se perguntar também: o quanto os homens e mulheres podem realmente contar com os poderes políticos para que a vida humana seja menos sofrível? Parece ser um fato que os homens, há tempos, abandonaram a ideia de Deus e se apoiaram sobre outros homens, especialmente os políticos, mas parece que a política está tão distante das pessoas ordinárias na resolução de seus problemas quanto Deus estava no século XIX.

Um outro fator importante da relação entre religião e modernidade e a relação desenvolvida entre o campo econômico e o campo religioso foi a forma como a racionalização do mundo atingiu as instituições religiosas, fazendo com que elas tivessem que se adaptar à dinâmica da modernidade através da racionalização de suas ações e seus discursos. Essa adaptação e ajustamento das instituições religiosas aos princípios da era moderna (racionalização/secularização/desencantamento do mundo), deu-se por meio da burocratização do aparato clerical (Almeida, 2005, p. 40).

Zilles (2002) destaca que a religião é uma manifestação social que envolve as pessoas, umas com as outras, numa rede de conexão social. Para o filósofo, a religião, antes de tudo, toca na raiz ontológica humana, nas questões sobre sua própria origem e fim. A religiosidade não diz respeito apenas aos aspectos específicos da vivência, mas à pessoa enquanto um todo. Por tratar das consequências últimas dos acontecimentos humanos, sendo estes, “a pessoa, [...] história e do mundo” (p. 06) a religião adquire caráter especial na intimidade, nos segredos de sua vida enquanto ser individual, histórico e pertencente ao mundo.

Na Idade Moderna, pensadores discutiram a religiosidade como sendo uma criação humana. Feuerbach, Freud, Nietzsche e Marx, tratados por “mestres da suspeita”, investigaram o fenômeno religioso e nos deram diversas contribuições acerca da compreensão deste. Os estudos envolvendo a questão da religião centralizaram-se sobre diversos pontos de vista, tais como, existencialista, social, político e econômico.

Freud acreditava que a religião era uma ilusão coletiva e uma forma de neurose obsessiva universal, uma projeção dos desejos inconscientes de proteção e conforto vistos na figura do pai. Nietzsche via a religião, especialmente o cristianismo, como uma negação da vida e dos instintos humanos naturais, uma moral dos fracos que reprimia a existência afirmativa e que rebaixava a experiência da potência humana. Já Marx, considerava a religião como uma instituição criada pelas classes dominantes para perpetuar a opressão, sendo um “ópio do povo”, usado para distrair as massas da exploração e desigualdade social às quais são submetidas.

Ludwig Andreas von Feuerbach (1804 – 1872) teceu suas teorias a respeito do fenômeno da religião ao indicar sua origem e gênese psicológica (Serrão, 1999). Descreveu a religião como a interioridade do homem, seu espírito (psique) que se revela como uma dimensão da necessidade, do desejo humano. A análise psicológica profunda da qual trata nos apresenta uma nova forma de compreender as faces e a expressão do sentimento religioso e em quais pontos os humanos são tocados para debruçarem-se sobre ele. Segundo o próprio Feuerbach (2012, p. 15), a busca realizada através de suas obras é inspirada por “um espírito que distingue a essência da aparência, o necessário do supérfluo”. Assim, Feuerbach admite a potência da religião na mesma medida em que a nomeia de alienação² ou suporte ao sentimento de dependência que os humanos possuem, tanto da natureza enquanto *physis* (φύση), quanto das próprias relações sociais enquanto *nomos* (νόμος).

Nesse trabalho nos deteremos especialmente sobre as obras *A Essência do Cristianismo* (1841) e *Preleções sobre a Essência da Religião* (1851), que nos apresentam conteúdos essenciais para a compreensão do sentimento de desamparo dos seres humanos frente às demandas de um Estado que, ao que indica, trabalha para homens e mulheres não levando em consideração a constituição integral do ser humano, bem como as demandas básicas de seu corpo e psiquismo. Assim, ousaremos tentar compreender em quais aspectos a religião funciona como um preenchimento do sentimento de desamparo político, como forma de supressão das necessidades básicas que são buscadas em um Deus, e as implicações sociais disso. Dessa forma, temos como indagações fundamentais: como Feuerbach articula a relação entre religião e sentimento de desamparo em sua obra? De que forma a análise política de Feuerbach contribui para a compreensão do papel da religião na sociedade? Como a análise de Feuerbach pode contribuir para a reflexão crítica sobre o papel da religião na construção de identidades políticas? Como a análise política de Feuerbach contribui para a compreensão do papel da religião na sociedade? Quais condições sociais, políticas e materiais são dadas aos seres humanos para que realizem suas potencialidades sendo integralmente humanos?

Nossa hipótese inicial é a de que a análise política de Feuerbach permite compreender a religião como um fenômeno social e político que reflete também as contradições e alienações presentes na sociedade. Essa hipótese é interessante porque sugere que a religião não é apenas

² O tema da alienação é tratado em diversos campos da conhecimento, tais como Direito, Psiquiatria; também é tratado na filosofia através de seus expoentes mais conhecidos por tal conceito como Rousseau e Marx, os quais destinaram suas compreensões a respeito do conceito de alienação cada um à sua forma. Por ausência de uma palavra que melhor ocupasse espaço para uma explicação interessante do processo de alheamento que o homem passou a ter do mundo e de si mesmo e da comunidade em que vive, optamos pela utilização da palavra alienação. Durante o texto será possível também observar a utilização de termos como estranhamento, distanciamento, disjunção que serão tratados como sinônimos visto considerarmos que conseguem abarcar o tema aqui trabalhado.

uma questão de crenças pessoais, mas sim um fenômeno que reflete e reproduz as estruturas sociais, políticas e econômicas da sociedade, que acaba tornando a comunidade real numa comunidade ilusória.

Na obra de Ludwig Feuerbach, a relação entre religião e sentimento de desamparo é articulada por meio da análise política. Demonstra-se como a religião desempenha um papel na criação e manutenção de falsas identidades políticas e que, apesar da tentativa de desempenhar um papel positivo, acaba por piorar a situação. Assim parece, pois, nas religiões, as questões humanas, que deveriam ser discutidas entre os homens e para os homens, tornam-se questões que desconsideram sua corporalidade e necessidades básicas de subsistência, tais como moradia, saúde, alimentação adequada e trabalho com remuneração digna para uma vida minimamente feliz. Através dessa análise política, é possível compreender como a religião influencia a sociedade e contribui para a construção das identidades políticas dos indivíduos, revelando seu poder de controle social que submete os fiéis às estruturas estabelecidas pelo próprio governo.

O sentimento de desamparo humano, que é preenchido pela religião, é consequência de uma política defasada à qual não se encontram incorporadas as verdadeiras questões humanas, que incluem sumariamente a sensibilidade³ e a corporeidade. Feuerbach (2012, p. 13) afirma que “já de há muito nos ocupamos e satisfazemos bastante com o discurso e a escrita; exigimos finalmente que a palavra se torne carne, e o espírito, matéria; estamos fartos tanto do idealismo filosófico quanto do político; agora queremos nos tornar materialistas políticos.” O projeto do filósofo de Landshut buscou a ressignificação do homem, tendo em vista o Humano Integral que é possuidor e possuído – e somente é humano por essa razão – por características intrínsecas à composição do seu corpo, que além de estar na natureza e dela depender, também é social e comunitário.

Mas quem tem tudo em Deus, que já goza da felicidade celestial na fantasia, como sentiria aquela carência, aquela pobreza que é o impulso de qualquer cultura? A cultura não tem outro objetivo a não ser realizar um céu terreno; mas o céu religioso também só é realizado ou adquirido através da atividade religiosa (Feuerbach, 2012, p. 220).

³ É importante destacar que a palavra utilizada no texto de Feuerbach a qual estamos utilizando aqui a equivalente tradução de sensibilidade é a palavra alemã *Sinnlichkeit*, que segundo Brandão (2009) *in* Feuerbach afirma que a tradução dessa palavra parece ser um pouco problemática quando trazemos para o português. Segundo o autor citado anteriormente, a *Sinnlichkeit* parece estar direcionada à sensação, mas não qualquer tipo de sensação, mas aquela que leva em consideração o sentir com o corpo inteiro. O autor nos oferece alguns exemplos de tradução que podem ser equivalentes ao sentido alemão para o português sem que se perca o sentido original da palavra, tais como sensibilidade, sensibilidade, sensualidade. A palavra sensualidade em nosso idioma parece ser a mais adequada ao que Feuerbach realmente estava se propondo, mas por conta do sentido vulgar que a palavra sensualismo/sensualidade tem no português, preferimos manter a tradução indicada por Brandão (2009)

Seria possível questionar a veracidade de alguém que não experimentou o “sentimento oceânico” provocado pela religião ou que, apesar de ter experimentado as sensações provocadas pela religiosidade, observou nelas fenômenos muito mais complexos. Por exemplo, além da simples crença em deus, Feuerbach percebe o sentimento de desamparo experienciado pelo homem por ausência de políticas que o façam se compreender e desenvolver como um ser integral, políticas nas quais suas necessidades básicas sejam supridas para que assim haja promoção da ética e da virtude em comunidade. Porém, o trabalho ressalta-se mais como uma compreensão da profundidade do fenômeno religioso do que na objeção do mesmo, visto considerar a manifestação da fé como um fenômeno humano, não compreendido como humano no senso comum, mas exterior à própria realidade, à sensibilidade. Diria que a objeção não é do sentimento enquanto tal, mas de sua deterioração, divinização, dessensibilização e ilusão ao qual foi submetido sendo, por isso, tratado como religioso.

O interesse do autor desta dissertação em estudar esse tema se dá pelas peculiaridades que formam o mundo, tanto em seus aspectos plurais quanto singulares. O humano é constituído ao mesmo tempo em que também se constitui, ou seja, todas as suas relações se dão em sociedade, ou em termos feuerbachianos, em comunidade, pois, a necessidade humana contemporânea encontra-se no fazer política. A forma de constituição das crenças e visões de mundo sempre foram uma curiosidade particular. Ludwig Feuerbach, conseguiu encontrar algumas respostas – não completas – para as suas questões que um dia estiveram obscurecidas pela religião e pelo ambiente político.

Mencione-se aqui, a análise da filosofia de Feuerbach, que embora escrita há algumas décadas, ainda não perdeu a sua atualidade. Temas como ecologia, política e linguagem vêm emergindo no cenário acadêmico brasileiro, mostrando assim que a filosofia de Feuerbach possui um grande leque de reflexões dignas de serem discutidas e problematizadas. A maioria dos comentaristas da obra feuerbachiana, porém, são alemães, franceses, italianos, espanhóis e norte-americanos. A notoriedade dos seus pensamentos pode ser vista até hoje, quase dois séculos depois. Acerca da literatura em língua portuguesa podem ser destacados alguns intérpretes do pensamento de Feuerbach, como Draiton Gonzaga de Souza, Eduardo Ferreira Chagas, Francesco Tomasoni, Márcio Gimenez de Paula e Adriana Veríssimo Serrão, estudiosos a quem tive a honra de conhecer pessoalmente, ouvir suas palestras, aulas e estudar suas obras. Outro importante aspecto a ser discutido são as regiões do Brasil nas quais encontram-se maior volume de pesquisas sobre Feuerbach. Cito dois Estados pioneiros, mas que não são os únicos: Ceará e Rio Grande do Sul.

Apresento como justificativa social a suma importância de tal discussão na contemporaneidade, visto que pretendo explorar como a filosofia de Feuerbach pode contribuir para a compreensão de uma nova forma de visualizar tanto o indivíduo quanto a comunidade e refletir sobre quais propostas citadas pelo pensador podem ser de grande valia para o desenvolvimento humano. Assim, entender o mundo no qual vivemos e os mecanismos de atuação que operam na sociedade como forma de contenção das potencialidades humanas é muito importante para que haja alguma mudança na forma de perceber as relações políticas e a relação humana com o sentimento de desamparo.

A temática dessa pesquisa fora escolhida a partir de minha percepção sobre o pensamento do filósofo, mas não somente às ideias circunscritas à religiosidade, que têm sido muito trabalhadas na academia por diversos autores. A questão do problema político em Feuerbach se desenvolve como uma fratura do pensamento moderno ao inserir novas perspectivas para as formas de convívio social, comunitário e da individualidade através da proposta de uma terapêutica que tem como objetivo afirmar o homem como ser vivo, de carne e osso sem a fixação deste estar limitada a abstrações acerca da realidade fantasiada.

De acordo com Souza (1994) Feuerbach, em sua época, sofreu diversas retaliações por conta de seu posicionamento anticristão, que tinha como objetivo principal descentralizar os poderes da Igreja Católica e do Protestantismo contemporâneo a ele. Assim, apesar de ter conseguido assumir uma cátedra universitária, acabou por ser expulso, pois, seu livro questionava a existência da alma após a morte e tanto o Estado alemão quanto as universidades sofriam grande influência do Cristianismo, rendendo a ele essa consequência desastrosa. Sem condições financeiras de viver na cidade, retirou-se para o campo, onde passou a escrever e atacar diretamente o cristianismo, talvez, mais por conta da interferência desta religião no Estado alemão.

Assim, considero que o estudo pretende enriquecer o aporte teórico nas discussões filosóficas, com ênfase na Filosofia Política e social no âmbito da antropologia e filosofia, pois tem-se como objetivo apresentar as noções-chave do pensamento de Feuerbach a fim de haver um bom entendimento sobre a temática aqui trabalhada. Portanto, esse trabalho não pretende isolar ou fechar o pensamento feuerbachiano sobre a questão da política e a sua relação com a noção de homem completo ou integral, mas abrir uma possível reflexão para que, juntos, possamos fazer questionamentos sobre as condições nas quais vivemos hoje. Não somente enquanto indivíduos isolados atrás dos muros das universidades ou nas torres de nossos castelos, diante da mesa farta, mas, antes de qualquer coisa, repensar a questão política como um fenômeno social que deve sumariamente tratar de questões terrenas, dos problemas de carne

e osso, e que assim, o verbo se torne a carne e o pão com o qual nos alimentemos e não seja somente as palavras que saem da boca de deus.

No primeiro capítulo fizemos um breve resumo da biografia de Feuerbach e ressaltamos alguns dos problemas que ele sofreu com a publicação de seus livros. Também fizemos uma análise do pensamento de Feuerbach no que diz respeito às religiões, especialmente o cristianismo, para que fosse possível delinear como o autor circunscreve a sua filosofia com a antropologia. Também tentamos compreender em quais aspectos a filosofia de Feuerbach tem uma problemática inicial com a questão da política, pelo menos aparentemente, e como esta questão se desenvolve preliminarmente em sua obra.

No segundo capítulo buscamos tratar da relação entre política e religião no pensamento feuerbachiano. Apesar de não existir em sua obra uma filosofia simétrica, onde os conceitos estão delineados e claros em um único texto ou que sua argumentação possua uma linha de pensamento que ele exaure, procuramos entender sua crítica à religião como uma crítica da alienação política, visto que a religião passou a funcionar como um mecanismo de adormecimento ou até mesmo de promessa para os homens, uma vez que governos parecem se valer da mesma técnica do cristianismo na qual a satisfação das necessidades estão sempre num futuro, numa promessa de melhoria.

Isto dá margem para a existência de um sentimento humano de desamparo frente ao próprio Estado, visto que não se pode negar que os homens e mulheres são seres de necessidade. Essas necessidades não são apenas biológicas, mas também psíquicas, e uma vez que as necessidades fisiológicas da alimentação, saúde, educação etc. não estão sanadas, fica impossível para as pessoas tomarem qualquer atitude que reverta isso. O sentimento de desamparo em frente ao Estado, acobertado pela religião com a promessa de um futuro melhor, parece ser a crítica, se não central, ao menos transversal do pensamento de Feuerbach. Apesar de seu desentendimento com a doutrina cristã, parece que Feuerbach estava também muito preocupado com o que o Estado fazia da religião cristã em nome de Deus.

No terceiro capítulo buscamos entender a relação entre as noções de dependência à natureza e o surgimento do desamparo humano frente as formas de organização política. Neste capítulo, procuramos compreender como o sentimento de dependência à natureza atingia os homens primitivos, visto sua impotência diante da força desta.

As religiões naturais, primeira forma de desenvolvimento da consciência humana, ocasionada pela percepção contrastante das sensações de bem-estar e mal-estar, foram cruciais para que o homem pudesse desenvolver suas ferramentas e a associação com outros a fim de, se não barrar, pelo menos diminuir a sensação de impotência diante das forças destruidoras e

criadoras da natureza. Dessa maneira, neste capítulo, entendemos que as religiões naturais proporcionavam aos seres humanos algum sentimento de impotência, mas que poderia ser sanado através da força do coletivo humano.

As religiões politeístas foram abandonadas quando o homem percebeu inconscientemente que já havia domado a natureza, pelo menos naquilo que para ele era causa de grande medo e desconhecimento. O nascimento do cristianismo, assim como de outras religiões monoteístas como o judaísmo, confucionismo, budismo etc. revelaram para os seres humanos o sentimento da necessidade de afetividade e amor, algo que não poderia ser visto com tanta força nas religiões naturais. Nesse sentido, o cristianismo revelou a carência afetiva dos seres humanos por amor e apresentou o seu reverso quando sugeriu que esse amor, e a felicidade, só poderiam ser encontrados em Deus-cristo. Esse engano acabou por ocasionar diversos problemas, um deles foi o sentimento de desamparo que deu início à busca por soluções aos problemas da vida moral em outra vida. O cristianismo mirou na salvação eterna e acertou na danação terrena.

No quarto e último capítulo, desenvolvemos a noção de política em Feuerbach, que apesar de não se ter uma compreensão conceitual delineada pelos seus estudiosos, com exceção de Serrão, nos arriscamos a fomentarmos uma possível compreensão de política, à nossa forma, em sua filosofia. Assim, discutimos também em quais aspectos a política feuerbachiana, enquanto Nova Política e utilizando sua compreensão de Nova Filosofia, pode ser uma alternativa ao sentimento de desamparo sofrido pelos homens diante da ausência de atuação do Estado na vida concreta. Da mesma forma, sobre como as fantasias da religião ocupam o imaginário social, provocando o afastamento dos indivíduos da política - ela que é justamente a ciência capaz de sanar as necessidades básicas dos homens na terra - fomentando a ausência das relações morais e éticas entre os homens. Assim, nos parece que a reestruturação e recondução do homem ao “homem integral” feuerbachiano, ou seja, que está conectado com os seus sentidos e sentimentos terrenos de carne, osso e coração, são vistas como possíveis soluções para o sentimento de desamparo experimentado pela ausência do Estado na vida dos cidadãos, bem como reverberam nas relações da comunidade onde a felicidade, relegada sempre ao além e apoiada pelo cristianismo, toma aqui critério sensível e real.

2 LUDWIG FEUERBACH: VIDA, OBRA E CONTEXTO POLÍTICO-RELIGIOSO

2.1 Ludwig Feuerbach: vida, obra e pensamento

Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872) foi um filósofo alemão conhecido por suas críticas à religião e ao idealismo alemão, especialmente o filósofo Hegel. Feuerbach nasceu em Landshut, Baviera, em uma família de acadêmicos e estudou teologia evangélica na Universidade de Heidelberg em 1823, juntamente do racionalista Heinrich Eberhard Gottlob Paulus e posteriormente com o hegeliano Karl Daub, com o qual mantinha troca de ideias acerca da filosofia de Hegel fazendo com que Feuerbach ganhasse interesse pela filosofia deste. Feuerbach manteve-se em Heidelberg por um ano até ir a Berlin estudar filosofia, onde teve professores como Hegel e Schleiermacher. Depois de ter passado um ano estudando filosofia, Feuerbach abandonou de vez a teologia e concentrou-se nos estudos filosóficos (SOUZA, 1994).

Feuerbach defendeu sua tese de doutoramento intitulada *De ratione una universali, infinita*, no ano de 1828. Em *Da razão Una, Universal e Infinita*, Feuerbach discorre sobre temas como Deus (*Gott*); Tempo (*Zeit*), Espaço (*Raum*) e Vida (*Leben*); Espírito (*Geist*) e Consciência (*Bewusstsein*). É neste período que Feuerbach inicia sua guinada rumo à conversão do “mero abstrato” ao abstrato, do sentido pensado ao sentido concreto. Em sua obra *Pensamentos sobre morte e imortalidade (1830)*, Feuerbach confronta o idealismo hegeliano e toda a filosofia antecedente, rebatendo a idealidade de um “materialismo magnífico”, cunhando essas filosofias de especulativas, porém, ainda não explicitamente como fará em obras posteriores. Por motivos de problemas financeiros precisou se mudar de Berlin para Erlangen onde começou a dar aulas na universidade desta mesma cidade no ano de 1829, como professor auxiliar de História da Filosofia e Metafísica até o ano de 1832.

Após a publicação em formato anônimo de sua obra *Pensamentos sobre morte e Imortalidade (1830)* Feuerbach foi impedido da nomeação como professor em Erlangen por conta do conteúdo da obra, que colocava em dúvida a ideia de um deus-humano e negava completamente a possibilidade de uma imortalidade pessoal. Consequências do poderio da religião cristã tanto quanto da filosofia e da política nas repartições públicas, na vida social, profissional e acadêmica.

Feuerbach é mais conhecido por sua obra *A Essência do Cristianismo (1841)*, na qual argumenta que o Deus cristão é uma criação da imaginação humana e que a religião é uma

forma de alienação que impede os seres humanos de alcançar sua verdadeira humanidade e individualidade de forma integral. Segundo ele, a religião é uma objetivação dos desejos e necessidades humanas e por isso é fundamentalmente antropomórfica. Para Feuerbach, em vez de buscar uma conexão com um Deus imaginário, os homens deveriam se concentrar em suas relações com outros seres humanos e com o mundo natural. Feuerbach também escreveu sobre a necessidade da comunidade real, argumentando que o ser humano é essencialmente um ser sensível e corpóreo e que a vida é a busca da satisfação de necessidades materiais e emocionais. Nesse sentido, Feuerbach parece contrapor uma visão do ser humano como um "animal sensível" à noção de Hegel do ser humano como um "animal espiritual".

pode-se falar de três etapas da crítica de Feuerbach à religião. O primeiro é representado pela essência do cristianismo, o segundo pela essência da religião e o terceiro pela teogonia. No primeiro é o homem, no segundo é a natureza, e no terceiro é o desejo, que é considerado a origem da religião⁴ (Souza, 1998, p. 61, tradução nossa).

Nesse primeiro momento de desenvolvimento bibliográfico, Feuerbach buscou apresentar de que forma a filosofia de Hegel é particular e determinada. Contudo o filósofo admite também os valores da Filosofia de seu antigo mestre e as grandes contribuições desta para o pensamento filosófico alemão. Assim, não se pode rejeitar a ideia de que o pensamento de Hegel tem suas características positivas, tais como lógica, rigor científico e inúmeros conhecimentos. Mas, de acordo com Feuerbach, a filosofia hegeliana possui características da produção de um pensamento da época e que, por isso, possui esse caráter particular, finito e determinado, e não indeterminado e/ou absoluto.

2.2 Religião em Feuerbach: crítica e análise

Segundo Souza (1994, p. 32), o trabalho desenvolvido por Feuerbach em *A Essência do Cristianismo* tem como objetivo fundamental a redução da religião à antropologia. Feuerbach desenvolve a ideia de que Deus é uma projeção⁵ da consciência humana e que este não é

⁴ “kann man von drei Stadien der Religionskritik Feuerbachs sprechen. Das erste wird durch das *Wesen des Christentums*, das zweite durch das *Wesen der Religion* und das dritte durch die *Theogonie* dargestellt. Im ersten ist es der Mensch, im zweiten die Natur und im dritten der Wunsch, der als Ursprung der Religion gilt.“

⁵ Segundo Souza (1994) Feuerbach nunca utilizou esse termo projeção em suas obras. Esse termo foi inserido por E. v. Hartmann em uma de suas obras intitulada *História da Metafísica*. Intérpretes de Feuerbach como Zilles e Amengual aconselham a utilização da expressão *redução* para que a compreensão do termo esteja mais conectada com o pensamento de Feuerbach em seu intuito. A compreensão de religião enquanto projeção humana pode ser mais bem entendida na obra de Freud, o qual retomou a sua maneira temas em estados embrionários na teoria feuerbachiana a respeito da religião. O termo *projeção* foi aqui utilizado apenas com fins didáticos para que ocorra a melhor compreensão do leitor. A terminologia utilizada por Feuerbach no lugar de projeção poderia ser mais adequada como “objetivação”.

compreendido como sendo um fenômeno provocado pela própria consciência humana e sim fundante e constituinte do ser humano, que recebe o nome de religião. Serrão (1999) entende que a filosofia de Feuerbach tem como meta a incorporação da essência, tanto da religião quanto da filosofia, à sensibilização da razão humana. Esse processo ocorre na medida em que é buscada a restituição do ser humano enquanto ser integral, constituído daquelas qualidades que outrora sofreram “absolutizações” tais como Deus, a ciência e a própria política.

Segundo Tomasoni (2022, p. 35-36), *A Essência do Cristianismo* foi uma das obras que teve grande notoriedade na carreira filosófica de Feuerbach, visto a exposição de seu conteúdo e seu grande impacto editorial. A obra, que surgiu em 1841, logo após a publicação de *Bayle* (1839), tinha inicialmente outras propostas de títulos, tais como “conhece-te a ti mesmo”, “crítica da razão impura”, “Os segredos da religião” ou “As ilusões da teologia”. Posteriormente Feuerbach decidiu, por conta de questões editoriais, publicá-la pelo título que conhecemos hoje.

Feuerbach se dedicou a buscar no antigo cristianismo e não no cristianismo moderno, a essência deste, pois considerava o cristianismo moderno uma tentativa de sintetizar os conteúdos da fé junto aos conteúdos da razão, fazendo assim, com que os conteúdos da fé perdessem o sentido. Dessa forma, diz Feuerbach (2012, p. 11) que “a filosofia especulativa da religião sacrifica a religião à filosofia e a mitologia cristã, a filosofia à religião; aquela faz da razão um juguete de um materialismo religioso e fantástico; aquela só permite que a religião diga o que ela mesma pensou [...]”.

Logo no primeiro capítulo da obra referida acima, Feuerbach, ainda com uma forte influência de Hegel, trata da essência do homem em geral e inicia seu questionamento sobre a diferença entre o ser humano e os outros animais. Assim, pergunta Feuerbach (2012, p. 35) “mas qual é esta diferença essencial entre o homem e o animal? A resposta mais comum, também a mais popular a essa pergunta, é: a consciência [...]”.

Para Feuerbach, o ser humano não é um animal acrescido de propriedades diferenciadoras, pois embora partilhe com todos os seres vivos de propriedades comuns, não partilha de duas naturezas, como se nele persistisse ainda algo de animal. Esta demarcação é tão forte, que se poderia defini-lo, não como animal dotado de razão ou como único ser vivo que pensa, mas como o animal dotado de mais sentir; é “antes de todo o seu ser que o distingue do animal” (Serrão, 1999, p. 174).

Ao ser acusado de antropocentrismo por Daumer e Müller⁶, Feuerbach, posteriormente, se defende ao dizer que fez somente uma diferenciação entre o humano e os demais animais e

⁶ Cf. “Pouco tempo após a publicação da obra (essência do cristianismo), o teólogo protestante Julius Müller acusou Feuerbach de subjetivismo. Se cada objeto não era outra coisa senão reflexo do sujeito este, nunca saía de si mesmo” (Tomasoni, 2015, p. 92).

que seu intuito não é de colocar aquele no centro, mas sim trazer à consciência dos próprios humanos a sua condição material, sensível e natural, própria de sua constituição integral.

Após o rompimento com a filosofia de Hegel, Feuerbach também mudara sua compreensão sua interpretação da superioridade do homem com respeito ao animal. Dado que o princípio fundamental do conhecimento consistia na sensibilidade, o homem apoiava-se numa sensibilidade universal, diferentemente dos animais. [...] Os sentidos dos animais podiam ser mais agudos, mas não elevam-se acima das barreiras da particularidade (Tomasoni, 2015, p. 92).

De acordo com Lima-filho (2018), a essência humana, tríplice, mas não tripartida, é compreendida por Feuerbach em três instâncias: *Amar, Querer e Conhecer*. Os humanos precisam de algum objeto fora de si para se reconhecer. Assim, o objeto que está fora é para o homem um Eu ainda não reconhecido como um Tu.

Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é a energia do amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência. O homem existe para amar, conhecer e querer. Mas qual a finalidade da razão? A razão. Do amor? O amor. Da vontade? O livre arbítrio.” (Feuerbach, 2012, p. 45).

Segundo Veliq (2020), ao se reconhecer como humano constituído de um Eu relacionado a sua exterioridade - ao tu, que é para ele objeto - encontra nas diferenças com outros sua própria essência particular que tem como espelho a objetividade, pois é na diferença que ele se reconhece também como o outro que sente, tem vontade e possui capacidade de entendimento, de troca linguística e sensual.

Seguindo semelhante linha de pensamento, Serrão (1999) afirma que o primeiro outro do ser humano enquanto indivíduo é a natureza. A natureza é o primeiro “não-eu” com que os seres humanos têm contato. Feuerbach também foi julgado como essencialista e antropocentrista, mas o conceito de essência desenvolvido por Feuerbach não ultrapassa os limites das próprias condições de ser, uma vez que não é a ideia que determina as qualidades dos objetos sem as mediações sensíveis, mas é a mediação sensível junto do pensar que dialoga e conversa com a realidade.

Por “essência”, Feuerbach entende as características que permitem que um tipo de ser (uma espécie) se sustente em sua existência, as condições de seu ser. Para os seres orgânicos, a essência denota mais especificamente as condições biológicas internas e externas (“naturais”) necessárias para a reprodução desse ser. Isso significa que, para Feuerbach (assim como para Hegel), a identidade do sujeito e do objeto não é “inerte”, mas dinâmica. O sujeito torna-se o que tem que ser de acordo com sua essência, relacionando-se dinamicamente com seus objetos essenciais. Um “sujeito” não deve ser postulado como um ser autárquico, como uma “substância”, existente em si

mesmo antes da qualificação de ti em seus predicados ou independente de interações com outras “substâncias”⁷. (Deranty, 2015, p. 292).

A consciência é um estado de saber, de conhecimento sobre a realidade, assim, a consciência, não pode ser negada aos animais não-humanos, visto que os mesmos também possuem conhecimentos a respeito do ambiente em que vivem, pois são determinados, buscam por alimento, por seus pares e se protegem nos momentos de perigo. Segundo Lima Filho (2021), no pensamento feuerbachiano há uma distinção entre consciência e razão, visto que Feuerbach sugere não que a faculdade racional humana (consciência, espírito) possua uma existência independente dentro do ser humano, desvinculada de sua realidade concreta e de suas determinações naturais e históricas mas, propõe que é por meio dessa faculdade que o ser humano se eleva além do âmbito puramente sensível, transcendendo-o por meio de uma capacidade inerente à sua própria natureza, pela qual ele reconhece sua distinção em relação a outros seres.

No entanto, a consciência em seu sentido mais grosso, somente de percepções sensoriais físicas, é a única que os animais dispõem, pois eles se relacionam com o mundo apenas a partir de sua própria individualidade corporal, ou seja, não possuem consciência de gênero relacionada a outros de sua própria espécie, mas apenas com o mundo sensível. Os animais também possuem consciência, essa apenas é mais ampla e dilatada, enquanto a do ser humano possui rigor e trabalha com conceitos genéricos fornecidos pela sensibilidade, tendo seu ponto mais alto no conceito de Deus, que é a representação conceitual das necessidades do homem, mas apenas imaginada, desconhecida, misteriosa.

A unidade da vontade, do sentimento e da razão, que ultrapassa o homem individual, constitui, por conseguinte, a essência através da qual o homem é o que ele é. A estas três qualidades essenciais, os poderes que o animam, determinam e dominam o homem, não pode o homem oferecer nenhuma resistência; elas são, portanto, forças, elementos ou princípios básicos que o fundamentam. Todavia, a religião, seja no politeísmo, seja no monoteísmo, segrega tais princípios do homem e os diviniza como essências autônomas ou como essência de Deus, como se eles fossem algo sem o homem (Chagas, 2010, p. 63).

A consciência, não em seu sentido amplo, mas em seu sentido rigoroso, apenas é possível para um ser que tem como objeto o seu próprio gênero, a sua própria natureza essencial

⁷ Deranty, Jean-Philippe. Feuerbach's theory of object-relations and its legacy in 20th century post-hegelian philosophy. *The Southern Journal of Philosophy*. Volume 53, Issue 3 September. 2015, p. 292, tradução nossa. “By “essence”, Feuerbach understands the features that enable a type of being (a species) to sustain itself in its existence, the conditions of its being. For organic beings, essence denotes more specifically the internal and external biological (“natural”) conditions required for that being's reproduction. This means that for Feuerbach (just as for Hegel), the identity of subject and object is not “inert”, but dynamic. The subject becomes what it has to be according to its essence by relating dynamically to its essential objects. A “subject” should not be posited as an autarkic being, as a “substance”, exist-ing in and of itself prior to its qualification in its predicates or independent of interactions with other “substances””.

individual. É através da consciência, cujo nome deriva de saber ou fazer ciência, que o homem conhece o mundo a partir do seu próprio gênero, pois toma para si algo que é pertencente a todos de sua mesma espécie. É através da ciência que o homem pode fazer a distinção dos gêneros, de nomear tanto o seu quanto identificar a existência de gêneros entre outros seres. Desta forma, a ciência é o desenvolvimento da consciência dos gêneros, ou seja, é o refinamento das percepções que o homem possui da realidade. O animal não-humano não exerce nenhuma distinção de gênero sem um outro indivíduo fora dele, o que o difere dos humanos, visto que o último exerce a função do pensar e do falar sem a necessidade de um outro indivíduo imediatamente fora dele, apesar de precisar primordialmente de outro para aprender a falar.

Nesse sentido, para Feuerbach, o homem, já previamente constituído por um nós, possui dentro de si um modelo geral de humano que é representado por um Tu, ou seja, um outro de si mesmo no Outro. O homem imagina para si uma outra vida em seu interior, se relaciona com outros sem a necessidade da existência imediata do outro. O homem consegue falar e pensar sozinho, ou seja, é para si tanto gênero quanto espécie, tanto é parte do gênero humano enquanto ser universal, quanto faz parte da espécie humana nas suas características singulares e individuais.

Toda limitação da razão ou da essência do homem em geral baseia-se num engano, num erro. De fato, pode e mesmo deve o indivíduo humano – e aqui ele não é diferente do animal – sentir-se e reconhecer-se como limitado; mas ele só pode ter consciência de suas limitações, da sua finitude porque a perfeição, a infinitude do gênero é um objeto para ele, seja um objeto do sentido, da consciência moral ou da consciência pensante (Feuerbach, 2012, p. 40).

O fundamento da religião não é somente a essência humana, mas sim o seu próprio objeto. A religião é considerada como consciência do infinito e esse infinito pensado pelo homem nada mais é que “a consciência que o homem tem de sua essência não finita, não limitada, mas infinita. Um ser realmente finito não possui a mínima ideia, e muito menos consciência do que seja um ser infinito, porque a limitação do ser é também a limitação da consciência” (Feuerbach, 2012, p. 36).

Esta essência da qual o homem tem consciência pode ser destacada como a razão, a vontade e o coração. Através da razão o homem conhece, através da vontade ele exerce o querer e através do coração ele ama. Assim, o homem conhece para saber, quer porque quer ser livre e ama pois tem sentimentos. Feuerbach entende que se os predicados da bondade, justiça e liberdade forem retirados de Deus, ele torna-se apenas um conceito vazio, pois os predicados de Deus são na verdade os predicados do homem, mas tornados desconhecidos, superlativos, estranhados do conceito de humano e humanidade, pois “Deus, o espírito objetivado, concebido

como existente fora do homem, criou o mundo por sua vontade e razão. (Feuerbach, 2009, 291).”

Essa consciência infinita que o homem possui sobre o mundo é exatamente o que caracteriza a peculiaridade de ser homem, pois, somente é consciente no sentido rigoroso aquele que sabe de si, considerando que consciência e saber derivam da mesma palavra, *sciare*. Saber e ter consciência são especificidades exclusivas do homem, que somente pode se reconhecer e se sentir reconhecido através dessas capacidades, pois, “consciência é o ser-objeto-de-si-mesmo de um ser.” (Feuerbach, 2012, p. 39).

Segundo Feuerbach, é através da capacidade de fazer generalizações possuída pelo homem que este consegue se ver ao mesmo tempo indivíduo e pertencente a um gênero, uma vez que “a medida de um ser é também a medida de sua inteligência” (*ibid*, 40-41). Ou em outros termos, assim como o homem pensa-se enquanto ser individual, pensa-se também enquanto ser geral. Mas quando percebe-se enquanto gênero, abstrai de si todas as limitações de seu corpo e de sua própria personalidade fazendo com que surja o Tu. O Tu é o Eu singularizado e corporificado em outro ser humano. Dessa forma, através da constituição de diversos Eu’s-Tu’s, forma-se o Nós, ou seja, a comunidade.

O homem singular por si não possui em si a essência do homem *nem enquanto ser moral, nem enquanto ser pensante. A essência do homem está contida apenas na comunidade, na unidade do homem com o homem - uma unidade que, porém, se funda [stützt] apenas na realidade da distinção do eu e do tu* (Feuerbach, 2008, p. 73).

A antropologia feuerbachiana não pensa o homem enquanto um ser isolado, mas como um ser comunitário, que vive e participa com os outros apesar das suas diferenças. A relação do homem com os outros é o que constitui sua própria essência e consciência, pois, é somente na relação com a alteridade que comunga-se a diferença e é somente nesta que os homens se fazem comuns.

Serrão (1999) e Tomasoni (2022) destacaram a proposta terapêutica dentro da filosofia de Feuerbach como sendo um dos principais fios que tece sua teoria sobre a religião e sobre a perspectiva de cura, visto que ela amplia a compreensão sobre o fenômeno religioso e tem como meta a conscientização do ser humano sobre suas ideias fantasiosas a respeito da realidade. Ao analisar a religião, Feuerbach rebaixa Deus e retira sua possibilidade de autonomia que fora outrora colocada na ideia de absoluto. Ideia religiosa que inverte a realidade material e sensível, a transformando em uma outra “realidade”, criada pelo pensamento, subvertendo as capacidades da humanidade e do indivíduo.

O alheamento (*Entfremdung*) do Sensível praticado por esse tipo de cultura espiritual é sintoma de uma mentalidade definhada e doentia, virada exclusivamente para si e

que se alimenta do já adquirido. Em nome do que já não é, esqueceu-se daquilo que é; contra o presente opta pela rememoração histórica do passado, modelando aquele por este, assim invertendo morte e vida (Serrão, 1999, p. 114).

Feuerbach busca então, nessa proposta terapêutica, retirar os humanos de seu estado de desamparo provocado pela mistura entre teologia e vida política comum, para inseri-los no presente da vida, na vida encarnada, onde realmente acontece o ato de existir. É através da política que o ser humano toma para si as coisas da vida que podem ser solucionadas através da ação e o requerimento dos direitos basilares para o ato de existir. O ser humano compreendido como determinado e fechado pela vontade de um ser supremo, quando desamparado pela política, acaba por terceirizar suas necessidades para um ser de outro mundo, para outro lugar que não a Terra.

O recorte antropológico da religião na filosofia feuerbachiana também se constitui como o desvelamento de uma consequência do movimento patológico provocado pela própria religiosidade, no qual deixam-se de lado as questões terrenas de grande importância lançando-as para um plano secundário através da pretensão de formulação de verdades, que apenas colocam os homens em torpor.

Foi aquela época em que todas as relações públicas estavam tão envenenadas e contagiadas, que só se podia conservar a própria liberdade de espírito e a saúde através da recusa a qualquer serviço público, a qualquer papel público, até mesmo o de professor particular, uma época em que todas as promoções do serviço público, todas as licenças autoritárias, mesmo a *venias docendi*, eram o preço do servilismo político e do obscurantismo religioso, onde somente era livre a palavra científica; mas também só numa proporção bastante limitada e livre, não por respeito às ciências, mas por menosprezo, por causa de sua falta de influência e indiferença na vida pública, fosse real ou suposta (Feuerbach, 2009, p. 15).

Logo no início de sua primeira Preleção da obra *Preleções*, Feuerbach dá um indicativo de que está a denunciar a psicologização da realidade, ou seja, de que o pensamento se tornou primevo em relação à sensibilidade; de que as preocupações terrenas se tornaram preocupações literárias, como se a História da humanidade fosse apenas uma Estória, um conto, que possui realidade apenas no pensamento. As denúncias de Feuerbach estão direcionadas à preocupação exacerbada com o tratamento de conceitos especulativos, que, na verdade, não tomam como objeto a realidade e as preocupações sociais, políticas e econômicas, mas apenas o pensamento distante e separado das questões terrenas.

2.3 Religião e política em Feuerbach: conexões e contradições

Feuerbach tem como proposta uma Ética que está baseada nos princípios de felicidade e autoconservação, tanto de si quanto do outro. Através de sua perspectiva da existência de um

egoísmo que permeia todas as individualidades, Feuerbach propõem a existência desse sentimento como uma possível forma de relacionamento comunitário, que tem como base o egoísmo existencial. Além disso, conforme exposto pelo filósofo, o instinto de felicidade é aquilo que confere valor à vida humana, tornando-a digna de ser vivida. Portanto, sem a presença da arte, filosofia e até mesmo da religião, o ser humano estaria incompleto, privado de elementos essenciais que lhe permitem encontrar sentido e satisfação em seu contexto.

A história nos oferece diversos exemplos de conflitos sociais nos quais, sob a pretensão de elevar a dignidade humana, ocorrem atos de humilhação, desqualificação da origem e identidade do outro, bem como abusos e comportamentos desumanos. Feuerbach reconhece as dificuldades decorrentes de uma abordagem abstrata e desvinculada das condições concretas que moldam as características de um povo ao se considerar a liberdade. A liberdade está intrinsecamente ligada à felicidade, seria arbitrário exigir que o ser humano seja feliz de uma maneira que não esteja alinhada com suas próprias experiências e percepções.

Feuerbach aprofunda a articulação entre sensibilidade e individualidade, cujas bases são o instinto de felicidade e o de autoconservação, tanto do Eu quanto do Tu, ambas partes constituintes do sujeito em sua unidade estrutural Eu-Tu. Dessa forma, a aproximação do sensível ao que é singular, converte-se numa conexão na qual o sentimento deve ser concebido como elemento fundante da individualidade, que é comungado na relação com a comunidade. É através da sensação individual que o homem desenvolve suas ações éticas e morais a partir da vivência em Comunidade. O humano se constitui como ser através do desvendamento da sua vivência em comunidade, ou seja, com outras singularidades que coparticipam de sua existência. O homem sozinho não se constitui como homem, o é somente na junção com outros, na participação pública, política e social.

Para Feuerbach (2009), não se pode conceber no homem a ideia de individualidade ilimitada, ou seja, desnaturalizada, uma vez que pensar a individualidade fora de sua materialidade põe em dúvida o princípio de autoconservação da vida real, ou seja, fisiológica, seus instintos (*trieb*) e a sua natureza essencial. A vida do homem deve ser compreendida dentro de suas relações à sua individualidade, pois, a compreensão individual configura-se, antes de qualquer coisa, como apreensão da representação do todo que é material, corporizado.

Considera-se, também, importante destacar que Feuerbach faz a diferenciação entre representação e mera representação. Enquanto na primeira o pensamento corresponde à razão, o segundo a uma fantasia do sentimento. Assim, “a característica essencial de uma existência objetiva, de uma existência fora do pensamento ou da representação, é a sensibilidade

(*Sinnlichkeit*)” (Feuerbach, 2008, p. 9-10) que trata de nos apresentar os objetos como eles são sem a influência de nossa mera fantasia sobre eles.

Nesse sentido, Serrão (2013, p. 102) compreende por individualidade, na filosofia de Feuerbach, uma condição que torna a essência ideal individual em material, pois, “o que é sensível existe como sempre singular”. É nesse sentido que Feuerbach indica que a vontade só é uma realidade através da existência de uma sensibilidade singularizada, em que o sujeito e o predicado relacionam-se concomitantemente.

a sensação está presa ao senciente quando sinto, "eu sou eu" e nos sentimentos, como o amor a amizade, sou "eu com outros", conservando cada um, o eu e o outro, a respectiva individualidade, ao pensar, o indivíduo participa de uma esfera comum onde se anulam as condições privada, pessoal ou intersubjetiva, tornando-se num ser universal (Serrão, 2019, p. 235).

Souza (1994, p. 53) afirma que para Feuerbach “a essência do homem é o que constitui o gênero, a humanidade no homem, o que faz com o que o homem seja homem”. Nesse sentido, o homem realiza seu próprio gênero, a sua própria humanidade através daquilo que o afirma enquanto ser através da *razão, da vontade e do coração*, que não são qualidades de um ser isolado, mas de um ser comunitário, tríplice, em relação com outros. Assim, é importante que, para Feuerbach, o ser humano não seja mais pensado como um ser distante, que fica apenas na mera ideia, mas compreendido como uma individualidade orgânica absoluta e verdadeira. A ética antropológica de Feuerbach e o foco de sua filosofia na sensibilidade recai sobre a filosofia moral.

Na obra *Preleções sobre a Essência da Religião*, Feuerbach afirma que a religião está intrinsecamente ligada à política (Feuerbach, 2009, p. 13). Isso nos leva a uma ambiguidade hermenêutica: trata-se, então, de uma denúncia contra a "política religiosa" da época ou da apresentação da simbiose entre esses dois temas, independentemente de uma avaliação crítica da política em seu contexto histórico?

Feuerbach exprime, neste texto, uma aversão que se estende tanto à prática política de seu tempo quanto às discussões políticas que a tratam como algo meramente teórico-especulativo e, portanto, sem efetividade. Essa compreensão só pode ser alcançada considerando a crítica anterior que fundamenta o nosso argumento. Portanto, Feuerbach eleva a prática política na medida em que requer para os homens a mais verdadeira fonte de conhecimento: a sensibilidade. Nesse sentido, Feuerbach (2009, p. 25) prossegue “aqueles que se aborrecem com a palavra concupiscência, peço que meditem que não é somente a barriga que é um órgão sensorial, mas também a cabeça”.

Feuerbach revela-se como um indivíduo perspicaz perante os desafios da sociedade em que estava imerso, buscando desenvolver, através da filosofia, não somente uma compreensão do mundo como também explorar possíveis alternativas de intervenção prática na situação atual. Isso pode explicar seu manifesto desejo por um "materialismo político" e uma abordagem de "política prática". Dessa forma, o objetivo é mais agir para efetuar uma transformação na realidade estabelecida do que simplesmente descrevê-la.

É fundamental destacar um ponto: assim como em outros aspectos dispersos de sua filosofia não sistemática, Feuerbach não deixa claro suas inclinações políticas. Ele defendia a república, porém, quando examinamos seu republicanismo em particular, conforme apresentado em sua obra *Necessidade de uma reforma da filosofia* (1842), um ano após a publicação de *A Essência do Cristianismo*, encontramos uma concepção abrangente e otimista sobre a ideia de um governo formado por diferentes líderes, com a esperança de que, gradualmente, os indivíduos se emancipassem politicamente, preenchendo o amplo espaço deixado à arbitrariedade religiosa pelas repúblicas que restringiam a liberdade alheia.

Assim, é importante ressaltar que suas preocupações políticas estão intrinsecamente ligadas à discussão dos limites da religião. No entanto, como ficará mais claro ao longo do texto, existem pelo menos duas maneiras de interpretar o tema da religião em Feuerbach: a religião como um fenômeno relacionado à liberdade de autodeterminação e à natureza como um objeto separado, e como um instrumento oficial de controle das liberdades. É analisando o primeiro tipo que encontramos elementos para refletir sobre o tema da liberdade dentro dos limites da política segundo Feuerbach.

É evidente que a maioria das críticas de Feuerbach é direcionada ao Estado cristão, que oprime aqueles que reconhecem suas contradições e lutam pelo fim de seu domínio arbitrário. No entanto, a essência do argumento do trecho acima pode ser aplicada a qualquer governo que utilize retórica autoritária para controlar e punir dissidentes. No entanto, em relação ao texto mencionado anteriormente, surgem questionamentos pertinentes: o que dizer sobre os tipos de governo que, mesmo fundamentados na história, emergem com uma determinação implacável de alcançar o domínio, inclusive recorrendo à violência? Seria suficiente para a política estar enraizada na historicidade? Os seres humanos não possuem também uma história? A história não está subordinada à subjetividade? Essas indagações apontam para a discussão que abordaremos no próximo capítulo sobre a relação entre liberdade e felicidade. Feuerbach não deixa claro suas inclinações políticas.

Além disso, mesmo que Feuerbach reconheça a religião como um meio perigoso e obscuro de manipulação das liberdades, para ele isso não implica necessariamente sua abolição

como solução. A liberdade de apropriar-se de si mesmo ou da natureza de forma mistificada também é uma característica inerente ao ser humano em sua totalidade. A crítica de Feuerbach parece ser bastante clara ao destacar que não é a liberdade de pensamento que impede a emancipação humana. Pelo contrário, cria-se impedimento quando o Estado assume o direito de julgar as outras liberdades através de um poder oficial, sob princípios que suprimem a liberdade de pensamento do indivíduo e como consequência, a sua felicidade.

Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou, iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre servem-se até hoje da nebulosidade da religião para a opressão do homem (Feuerbach, 2009, p. 35).

Feuerbach reconhece que a imaginação e a fantasia são partes integrantes da vida humana, mas, na esfera política, podem facilmente se transformar em arbitrariedade, quando se tornam dominantes. Parece que a responsabilidade de Feuerbach, antes de assumir um lugar entre os teóricos políticos de seu tempo e propor caminhos e soluções práticas nesse campo, era denunciar os perigos que cercam a atividade política, mesmo quando fundamentada em aspirações nobres. Nesse sentido, é irrelevante se essa atividade política se baseia no laicismo ou no ateísmo.

É evidente que Feuerbach critica vigorosamente qualquer forma de governo que restringe a liberdade em nome de uma suposta busca pelo bem comum. No entanto, é interessante observar suas palavras ao comparar liberdade e individualidade. Ele sugere que esses conceitos são intrinsecamente conectados, pois, ambos são essenciais para a verdadeira natureza humana. Isso nos leva a refletir se Feuerbach, ao considerar as profundas dissonâncias políticas entre os seres humanos, possuía uma posição clara sobre a política. Se essa hipótese for verdadeira, qual seria a direção de seu pensamento político?

Com base em sua concepção de liberdade, é possível enxergá-lo como um precursor das ideias do socialismo científico, que se mostrou de forma polêmica sob o bolchevismo stalinista ou mesmo como uma crítica à Inquisição medieval. Por outro lado, é impossível ignorar os horrores cometidos em nome de ideologias utópicas, como o regime hitlerista e os abusos do capitalismo neoliberal, que subjugarão a humanidade em busca de uma suposta grandeza. O elemento utópico, embora tenha sido excluído da esfera política devido aos danos que pode causar, ainda persiste nos seres humanos, especialmente na expressão singular da individualidade. No entanto, quando a utopia é aplicada ao discurso político, pode rapidamente se transformar em uma distopia, como evidenciado pela história, em que a imposição política negou aos indivíduos o direito de serem verdadeiramente humanos.

3 RELIGIÃO E POLÍTICA EM FEUERBACH

*Fúria nas trevas o vento
Num grande som de alongar
Não há no meu pensamento
Senão não poder parar*

*Parece que a alma tem
Treva onde sopra a crescer
Uma loucura que vem
De querer compreender.*

*Raiva nas trevas o vento
Sem se poder libertar.
Estou preso ao meu pensamento
Como o vento preso ao ar.
(Fernando Pessoa).*

Como visto anteriormente, Feuerbach é especialmente destacado por sua filosofia voltada para a religião tomando como ponto de partida a compreensão dos fenômenos humanos. A partir disso, pode-se pensar, como consequência, que o momento histórico da Alemanha tanto em relação à religiosidade, estritamente cristã, quanto à filosofia denominada de especulativa ou idealismo, foram alvos das ácidas argumentações do filósofo de Landshut. Através das leituras da bibliografia disponível parece ser possível destacar, em Feuerbach, a recepção de uma crítica política já em sua obra *A Essência do Cristianismo*, que é perpassada posteriormente em outras delas.

Ao que indica, Feuerbach pretendia, acima de qualquer coisa, criticar o sistema político de sua época, que, banhado pelo cristianismo, transformava o âmbito público, ou seja, as relações e discussões das preocupações humanas, direcionando-as a Deus, com o ideal meramente abstrato, em vista do poder da religião cristã. Apesar de não nos determos somente à *A Essência do cristianismo* podemos observar o nascimento e desenvolvimento da sua crítica à religião também como uma crítica política nessa mesma obra, ainda em estágio embrionário. Em uma das suas obras posteriores, a saber, *A Essência da Religião*, Feuerbach dá um maior enfoque aos aspectos sensíveis da construção e desenvolvimento do ser humano, e parece nos apresentar também um maior aprofundamento sobre seu entendimento da relação entre religião e política ou pelo menos um maior aprofundamento entre religião e sensibilidade.

3.1 Religião como fator de alienação política

Feuerbach é conhecido pelo destaque que dá à religião e a sua relação com os fenômenos interiorizados pelos humanos na relação com a natureza através da sensibilidade, especialmente na sua obra sobre a essência da religião. O tema da política, ainda pouco trabalhado por pesquisadores da literatura feuerbachiana, nos mostra que a filosofia de Feuerbach ainda mostra-se muito voltada para a interpretação do fenômeno religioso sem atrelá-lo às questões sociais e políticas da contemporaneidade, tais como a inversão da compreensão da vida humana enquanto estritamente terrena, o abuso à natureza, que nos dá a possibilidade de viver, e a exploração humana. Deus, na contemporaneidade, adquiriu uma nova característica que possivelmente não era observada na Idade Antiga, Medieval ou Moderna, apesar de, na moderna, apresentar seus primeiros sinais. Deus não é somente mais um ser que preenche a lacuna de um vazio existencial ou que consola aqueles que choram as dores da perda dos entes queridos por conta da “insensibilidade” da natureza, mas também cumpre outras tarefas, como a de conformar as pessoas à realidade em que vivem, que com todas as suas mazelas, “elevam-se” na promessa divina, argumento que as constringe a aceitar tais mazelas sem buscar mudança.

De fato, o bem que um homem pratica não se deve somente a sua própria decisão, não é somente uma obra de sua própria vontade, mas também o resultado das condições, relações e circunstâncias naturais e sociais nas quais o homem foi gerado, criado e educado (Feuerbach, 2012, p. 186).

Sem as condições necessárias para o ser humano, tais como a garantia de alimentação, educação, saúde, infraestrutura e moradia fica impossível conceber a ideia de homem, ou pelo menos, conceber a ideia de que possa haver virtudes em locais onde o desenvolvimento dessas potencialidades é freado ou interrompido. Feuerbach desenvolve a ideia de que os seres humanos são necessariamente naturais, muito embora não sejam apenas naturais, e precisam ter suas necessidades primárias sanadas para que possam exercer e desenvolver a liberdade, a ética e a moral. Em outros termos, Feuerbach identifica que, ao aspecto político da vida, estão atreladas as condições básicas para o desenvolvimento de um ser que possa realizar-se de forma integral e essas condições devem ser ofertadas.

Nenhuma de nossas plantas pode produzir sementes que forneçam farinha sem encontrar para seu desenvolvimento uma grande quantidade de terra muriática, fosfórico e amoníaco. Essas sementes só se desenvolvem num solo onde esses três princípios essenciais se encontrem unidos, e *nenhum solo é mais rico deles do que os lugares onde os animais e homens vivem em conjunto*, seguindo sua urina e seus excrementos, porque seus princípios essenciais não chega a produzir sementes [...].” (Feuerbach, 2009, 153-154).

Feuerbach apela para exemplos ao defender sua posição de que devem existir condições favoráveis para o desenvolvimento e existência dos seres. Nesse caso, além dos seres humanos

precisarem dos elementos naturais para desenvolverem suas capacidades e conseguirem ter uma vida no mínimo boa, também se faz necessário pensar na construção da ética e da moral, as quais estão intrinsicamente ligadas às necessidades naturais. É importante destacar que a moral e a ética também são produtos do desenvolvimento das condições básicas de sobrevivência, tais como moradia, água e alimento, pois, sem essas condições que são essenciais à vida humana - que não é simplesmente biológica em seu sentido mais estrito, mas ética e moral, de convivência com os outros - como é possível exigir a bondade dos homens quando foram retiradas as possibilidades para o desenvolvimento de tal potencialidade?

As demandas sociais mudam de acordo com o desenvolvimento histórico e as condições de vida que são possibilitadas. A filosofia de Feuerbach parece nos indicar diversas razões pelas quais a religião deva ser compreendida não apenas através da negação que o autor faz de Deus ou da explicação psicológica da religião, mas, acima de tudo, através das relações humanas e as consequências que a religião pode desencadear sobre a vida dos seres humanos. Parece que sua filosofia, na qual tece a crítica à religião, Feuerbach destaca a totalização de conceitos ou a perda da sensibilidade dos conceitos sem contato com o mundo objetivo, como se este fosse apenas produzido pelo pensamento, pela vontade, assim como ocorre nas religiões monoteístas. Nesse sentido, quando a religião passa a determinar a vida em sociedade admitindo para as relações sociais conceitos que são meramente abstratos e que não tratam da relação entre seres humanos e a natureza, ou seja, as condições materiais e psicológicas envolvidas no processo de construção do ser humano, Feuerbach admite também a existência de um grande problema que envolve a liberdade, a linguagem e a ação.

Verdadeiro e divino é apenas o que não precisa de prova alguma, o que é imediatamente certo por si mesmo, que imediatamente por si fala e convence, que imediatamente arrasta após si a afirmação de que é – o simplesmente definido, o puro e simplesmente indubitável, o que é claro como o dia. Mas claro como o dia é apenas o sensível; só onde começa o sensível cessa toda a dúvida e toda a disputa. O segredo do saber imediato é a sensibilidade (Feuerbach, 1988, p. 83).

Conforme exposto por Feuerbach, o instinto de felicidade é aquilo que confere valor à vida humana, tornando-a digna de ser vivida. Portanto, sem a presença da arte, filosofia e até mesmo da religião, o ser humano estaria incompleto, privado de elementos essenciais que lhe permitem encontrar sentido e satisfação em seu contexto.

Serrão (1999) diz que a proposta feuerbachiana está, acima de qualquer coisa, interessada no homem, na sua relação com a natureza e com outros seres humanos, pois, quando Feuerbach trabalha com a religião, parece entender que, a totalização de conceitos, idealização ou transformação da vontade subjetiva em verdade objetiva devem ser criticadas e revistas.

Assim, em quaisquer circunstância que s não ofereçam condições para o florescimento de todos os temas que tocam a humanidade, sejam eles temas sobre política, amor, verdade, justiça para o próprio homem, essas devem ser questionadas. Nesse sentido, Feuerbach dá destaque aos predicados que são ditos acerca do objeto e não toma o objeto como sendo o detentor da verdade a respeito do mundo.

A relação entre os objetos do mundo, diz Feuerbach, perdeu sua característica dialógica com a realidade e isso tem grave implicação política na comunidade visto que o sujeito compreende os predicados da humanidade alienados enquanto organização política, como se os predicados da comunidade fossem compreendidos como predicados de Deus, um ser puramente linguístico, mental. Esse pensamento expõe a posição humanista/ateísta da compreensão feuerbachiana do homem visto que para ele a religião sempre buscou revelar o segredo humano, uma vez que, em épocas de desconhecimento científico, o homem voltava-se a Deus.

Segundo Espíndola (2021), é bastante comum Feuerbach ser destacado como um ateu inveterado ou um ateu peregrino, o que parece ser um erro gerado por uma leitura superficial e rápida do pensador. A centralização da crítica à religião cristã em *A Essência do Cristianismo* teve grande contribuição para a recepção da filosofia de Feuerbach. No entanto, segundo o autor citado anteriormente, podemos aplicar melhor a Feuerbach o título de *Humanista*, visto que sua posição é em defesa do homem que faz cair Deus. No entanto, também não é possível não o chamar de ateu, visto que o ateísmo remete à descrença que seres espirituais ou especiais interferem na nossa realidade.

Nesse sentido, é fundamental compreender Feuerbach como um humanista, que está preocupado com tudo aquilo que diz respeito ao ser humano. A religião é vista como o processo de desenvolvimento da autoconsciência humana e possui seus segredos além daquilo que é apresentado. O fundamento simbólico e histórico é a chave para a descoberta dos segredos da religião.

Feuerbach (2012) afirma que a religião possui dupla essência: uma verdadeira e uma falsa. A essência verdadeira da religião é caracterizada como a potencialidade humana revelada pela vontade, pelo amor e pelo conhecimento que o ser humano possui em si como potência da própria humanidade. A essência falsa da religião é compreendida por Feuerbach como tendo conteúdo alienante, ou seja, a religião aliena o próprio homem de sua humanidade, do ser individual nas suas barreiras e limitações físicas e corporais, pois, essas são desconsiderados e lançadas em uma realidade estritamente mental, onde sua conexão com o real é apenas o movimento de reversão entre a realidade factual e o desejo de não a ser.

Nesse sentido, Feuerbach faz uma distinção entre a essência da religião e a sua aparência, que seriam, respectivamente, a sua verdadeira essência e sua falsa essência. A essência verdadeira da religião revela o conteúdo humano nela colocado como uma tentativa de superação dos próprios limites, mas dos limites humanos e materiais enquanto na sua essência falsa, ou seja, na sua aparência. A religião revela seu conteúdo alienante, visto que a superação dos limites da humanidade é projetada em uma entidade sobre e antinatural, a quem são destinados todos os predicados humanos.

O real na sua realidade efectiva (*sic*), ou enquanto real, é o real enquanto objecto (*sic*) dos sentidos, é o sensível. Verdade, realidade e sensibilidade são idênticas. Só um ser sensível é um ser verdadeiro e efectivo (*sic*). Apenas através dos sentidos é que um objecto (*sic*) é dado numa verdadeira acepção – e não mediante o pensar por si mesmo. O objecto (*sic*) dado ou idêntico com o pensar é apenas o pensamento (Feuerbach, 1998, p. 79).

Além da crítica à religião, que possui como objeto um ser transcendente, idealizado e meta-físico, Feuerbach também destaca as outras relações humanas que possuem o mesmo sentido da religiosidade enquanto essência e aparência. Assim, não somente a religião, mas também as relações sociais, a moral, a política e até a própria ciência, segundo nosso filósofo, em sua época - e parece que até o presente momento - estão contaminadas com o discurso da aparência. Logo no início do prefácio da segunda edição de *A Essência do Cristianismo* Feuerbach destaca que:

Aparência é a essência de nossa época – aparência é a nossa política, aparência a nossa moral, aparência a nossa religião, aparência a nossa ciência. Quem diz a verdade atualmente é impertinente, “imoral” e quem é imoral é amoral (Feuerbach, 2012, p. 18).

Nesse sentido, a essência verdadeira torna-se a falsa e a falsa a verdadeira. Feuerbach dá ressaltar a necessidade da incorporação da filosofia para que a realidade humana seja mostrada de verdade e não apenas através de conceitos que sequer conseguem capturar a realidade do objeto.

Assim, Feuerbach propõe as bases de um materialismo que tem como pano de fundo um humanismo, cuja matéria é o ser humano na sua relação em comunidade. Ao mostrar sua grande oposição à filosofia hegeliana, Feuerbach afirma certa primazia da sensibilidade sobre a consciência, visto que, apesar da sensibilidade não possuir a verdade do objeto, tem, pelo menos, a sua primazia.

Nesse sentido, aquilo que o homem sente, sente ele primeiro através de seu corpo, de sua sensibilidade enquanto um todo. No que diz respeito à religião, ou àquilo que Feuerbach

denuncia como a aparência que se tornou essência, o pensamento toma maior autonomia frente a sensibilidade, tornando-se assim, o único critério validador da verdade da objetividade.

A religião retira do homem a capacidade de pensar sobre os seus problemas sociais, pois, acaba por dar respostas fundamentadas numa força transcendente que ordena e organiza o mundo da forma que melhor entende.

Por oferecer aos homens a possibilidade de uma vida melhor após a morte, como ocorre no caso do cristianismo e de outras religiões monoteístas, faz com que as pessoas acreditem que nada possam fazer de concreto no tempo presente, pois, creem na possibilidade de uma redenção de todos os males vividos em sociedade que, embora possam ser discutidos e resolvidos politicamente, são transformados numa possibilidade no pós morte do corpo, fundamentados na crença da salvação e redenção que o cristianismo promete.

A religião, ao promover a crença em um ser supremo, desvia a atenção das questões terrenas e concretas que afetam as pessoas em sua vida cotidiana. Em vez de lutar por melhorias sociais e políticas, os indivíduos se concentram em buscar a salvação espiritual e agradar a Deus, pois, o paraíso existe como forma de compensação às injustiças terrenas.

Para Feuerbach, especialmente o cristianismo faz com que o homem deixe de lado o mundo terreno, com tudo aquilo que aí tem que ser conquistado, para se preocupar com o mundo celestial; faz com que o homem deixe de lado as próprias forças, e não se empenhe em encontrar formas de ampliá-las, para confiar nas forças sobrenaturais que, por não existirem nada farão por ele (Stepanha, 2020, p. 84-85).

Dessa forma, a religião acaba por servir como um mecanismo de controle social, impedindo que as pessoas questionem a ordem estabelecida e lutem por mudanças significativas.

Feuerbach via a religião como uma forma de alienação, o que caracteriza sua essência falsa, capaz de impedir o desenvolvimento de uma consciência crítica e, conseqüentemente, a transformação social. Assim, influenciou as ideias de seu contemporâneo Karl Marx, que via a religião como um ópio do povo, ou seja, um amortecimento nas capacidades do pensar e um vício em observar todas as experiências como vivências religiosas, defendendo-as em prol das contradições materiais, essas que ocorrem somente entre seres humanos e que são de sua responsabilidade resolver. “Nesse sentido, a alienação religiosa poderia ser considerada uma espécie de patologia egocêntrica que provoca uma inversão. Deus seria uma patologia do ego: fecha-se tanto em si ao ponto de tratar a própria essência como outro.” (Stepanha, 2020, p. 93).

Para Marx, a religião era uma ideologia que servia aos interesses da classe dominante, mantendo a exploração e a opressão das classes subalternas. Na época, a Alemanha passava por profundas transformações sociais e políticas, marcadas pela consolidação do capitalismo e pela

expansão do Estado moderno. A influência do pensamento de Feuerbach sobre o de Marx pode ser compreendido em vários aspectos, mas segundo Schütz (2001) essa influência aparece quando Marx ainda defendia a ideia da existência popular de um Estado enquanto uma entidade autônoma, que possui sua própria força, sem o envolvimento das ações dos homens ali. Feuerbach já havia feito o mesmo com Deus, ao afirmar que Deus é uma objetivação da essência humana em geral, ou seja, livre das limitações individuais e que possui também autonomia pois “tanto na realidade da religião quanto na realidade do Estado, o indivíduo tem uma dupla existência, uma celeste e uma terrestre” (Schütz, 2001, p. 36).

A compreensão alienante de Deus e do Estado, na qual ambos existem enquanto entidades compreendidas como livres dos obstáculos da pessoalidade e personalidade, aparentemente “imparciais” e justos, revelam somente o conteúdo humano ali contido. O pensamento de Feuerbach influenciou em grande medida o pensamento de Marx ou pelo menos as bases para o seu método interpretativo, assim como afirma Schütz:

A estrutura da crítica da religião de Feuerbach forneceu esta possibilidade, a Marx, de perceber na própria filosofia hegeliana uma espécie de religião, como tal carregada de potencialidades humanas, possíveis de serem desvendadas por meio de uma leitura do avesso, desta teoria (Schütz, 2001, p. 33).

Uma das críticas à religião como fator de alienação política era a de que ela oferecia uma visão distorcida da realidade, apresentando o mundo como um lugar imperfeito e caótico que só poderia ser salvo por meio da intervenção divina. Segundo Feuerbach, essa visão pessimista da realidade leva as pessoas a se resignarem às condições sociais e políticas nas quais vivem ao invés de lutar por mudanças concretas.

3.2 Análise do sentimento de desamparo como consequência da religião

A noção de sentimento de carência parece estar internamente relacionada ao tema do sentimento de dependência, desenvolvido por Feuerbach em suas *Preleções*. Me ocupei de tratar aqui da distinção entre o sentimento de dependência que o ser humano necessariamente possui à natureza em contrapartida ao sentimento de dependência que os seres humanos passaram a ter uns dos outros após o abandono do nomadismo e adesão ao sedentarismo.

Nesse caso, preferi utilizar o termo sentimento de desamparo, pois penso que apesar de não deixar de lado a análise de Feuerbach sobre o sentimento de dependência do homem à natureza, também aduzo a uma possibilidade de trabalhar o sentimento de desamparo que se caracteriza, grosso modo, como ausência de alteridade.

Na obra *Preleções*, Feuerbach destaca a dimensão sensível da consciência e a primazia da sensibilidade sobre o ato de pensar, mas não que este determine aquele, e dá bastante ênfase à natureza, tema que parece ter sido deixado de lado em sua obra anterior, *A essência do Cristianismo*, por razões já explicadas pelo autor posteriormente.

O homem enquanto um ser da natureza é também um animal, pois, tem necessidade de tudo aquilo que a natureza possui, para a sua sobrevivência, tal como: oxigênio para do ato de respirar, de sentir cheiros, tanto quanto de comer, saborear e tantas outras necessidades que são intrínsecas a existência do corpo para que possa haver existência do espírito.

Feuerbach diz que o medo dos acontecimentos naturais, quando desconhecidos pela ciência, era um dos principais motivos para o agrupamento dos humanos, e que isso deu margem à constituição das comunidades. Em grupo, aquele medo das forças naturais era aplacado, pois, juntos conseguiam se sentir mais seguros, algo que um membro sozinho não conseguia fazer, e isso realizava-se como um feito não somente do indivíduo, mas do grupo enquanto representação do indivíduo genérico.

Com o advento do sedentarismo e o surgimento de comunidades estáveis, a sensação de insegurança diante das forças naturais é amenizada. Gradualmente, a dependência direta da natureza é substituída pela dependência em relação ao grupo social.

Os grupos passaram a desempenhar o papel de mediador e garantidor da segurança dos seus membros, estabelecendo formas internas de organização social, como o poder, as leis, os códigos jurídicos e as regulamentações morais.

Para estabelecerem-se, as primeiras comunidades incorporam os deuses da Natureza próximos aos Deus que estão distantes, nos céus. A natureza, desprovida de divindade, torna-se mais vulnerável e é vista como a base da subsistência sendo domesticada e explorada para obtenção dos recursos necessários.

Assim, Feuerbach elabora uma noção de intersubjetividade em seu pensamento, que pode até mesmo ser chamada de *reconhecimento da alteridade*, que surge na relação de uns para com outros, pois:

O que não se consegue a sós consegue-se com os outros. Sentimento de solidão é sentimento de limitação; sentimento de comunidade é sentimento de liberdade; por isso os homens se agrupam quando ameaçados por poderes naturais (Feuerbach, 2012, p. 139, nota 76).

A partir do assentamento dos grupos sedentários, da divisão dos gêneros entre homem e mulher, da divisão do trabalho, da instauração de princípios normatizadores da conduta ética, do reconhecimento que o homem tem sua alteridade enquanto uma extensão do próprio Eu

respeitando as individualidades e diferenças, Feuerbach parece dar outro tratamento para a relação de dependência que os homens possuem uns dos outros e conclui que os agrupamentos apenas convergem para a verdade dessa ideia.

A fundação de um corpo político foi possível através da religião, pois, antes de adorar o deus espiritual, os homens já adoravam Deuses naturais, o que, de certa forma, foi um momento importante que cumpriu um grande papel no desenvolvimento da humanidade.

Nesse sentido, Feuerbach assume os elementos da fé, ou dos objetos da fé, como aquilo que o homem ainda desconhece e que esses são “determinante para a fundamentação das relações intersubjetivas” (Lima Filho, 2018, p. 13).

O indivíduo é singular, mas em contato e relação com o mundo; recebe afecções da natureza, mas também age no mundo; é determinado, mas também determina. O indivíduo não é isolado, fechado em si mesmo²⁰. A sensação é subjetiva, mas o fundamento da sensação e da subjetividade é objetivo. Sujeito e objeto, eu e tu, são distintos e indissolivelmente coligados. Esse é o “verdadeiro princípio do pensar e do viver, da filosofia e da fisiologia (Lopes, 2014, p. 30).

Feuerbach parece, então, compreender que as relações entre os seres humanos são qualidades essenciais do sujeito que as possui de forma individualizada, corporificada. Assim como a própria razão é algo que os homens não podem negar, nem rechaçar, também são inalienáveis as relações com outros, pois, um Tu só pode existir sob a condição de um Eu e vice-versa. O convívio parece, igualmente, ser uma exigência interna, como uma condição para a capacidade de ser humano. Essa defesa da necessidade do convívio social já aparecia em *A Essência do Cristianismo* quando Feuerbach diz que:

[...] a natureza não ouve os lamentos do homem – ela é insensível com relação aos seus sofrimentos. Por isso o homem dá as costas à natureza, aos objetos sensíveis em geral – volta-se para dentro, para aqui, escondido dos poderes insensíveis, encontrar atenção para os seus sofrimentos (Feuerbach, 2012, p. 138).

Feuerbach (2012) diz que os homens, por serem mais fracos e impotentes diante da força da natureza, reuniram-se para que pudessem desenvolver ferramentas e equipamentos afim de diminuir ou aplacar o sentimento de medo.

Essa intervenção do homem sobre a natureza foi o ponto no qual se inverteu sua posição hierárquica: de uma senhora e um escravo para um senhor e uma escrava. A natureza, especialmente através das religiões, foi disseminada como um constructo divino dada ao homem para servir como aquela que satisfaz todas as suas vontades.

Quando falamos em cultura já pressupomos o conceito de homem individual, assim como, quando se diz homem individual, pressupõe-se a existência de um grupo que forjou aquela individualidade e que se modelou à sua maneira, de forma autêntica.

Inicialmente falando, a religião é uma forma de aliviar o sentimento de medo que os humanos enfrentam diante da natureza não-humana. O homem sente-se desamparado diante de uma realidade complexa e imprevisível e recorre à religião como uma forma de encontrar alívio para seu medo.

O homem passou a viver em comunidade e as necessidades que surgiam da relação com a natureza passaram a ser as necessidades por cultura, tais como as leis, a moral e a ética. A relação com os outros é o elemento fundante de uma concepção divina mais antropomorfizada.

A religião é uma forma de alienação do homem, uma vez que ele atribui suas qualidades mais elevadas a uma entidade externa a si mesmo. O homem é levado a acreditar que Deus é a fonte de sua moralidade, inteligência e criatividade, quando na verdade essas qualidades são inerentes ao ser humano, são capacidades que dominam o homem.

Deixar tudo como está é a consequência necessária da crença em que um Deus governa o mundo e que tudo existe e acontece pela vontade de Deus. Cada modificação autônoma da ordem estabelecida das coisas é uma revolução criminosa. Assim como num Estado monárquico absoluto o governo nada deixa para o povo, apropriando-se de toda a atividade política, da mesma forma também Deus nada deixa para o homem na religião enquanto for um ser absoluto, ilimitado (Feuerbach, 2012, p. 192).

Para entender a ideia de Feuerbach sobre a religião e o sentimento de desamparo, é importante entender sua teoria da objetivação divina. A religião é uma forma de projeção, em que as pessoas atribuem a Deus suas próprias qualidades e desejos.

Deus é uma invenção inconsciente da mente humana na qual as pessoas projetam suas próprias necessidades e desejos mais subjetivos e profundos. A objetivação divina é também uma forma de alienação, uma vez que as pessoas se afastam de si mesmas e de sua própria humanidade para vivê-la na mera imaginação.

Segundo Feuerbach, a religião leva as pessoas a negarem sua própria humanidade em favor de uma entidade divina imaginária e leva ao sentimento de desamparo por várias razões. Ela cria um sentimento de dependência em relação a uma figura imaginária inventada segundo a própria vontade e desejo humano.

As pessoas se voltam para Deus em busca de orientação e ajuda ao invés de confiar em suas próprias habilidades e capacidades, e nas da humanidade. Isso leva a um sentimento de impotência diante de suas próprias vidas e da união em comunidade. As pessoas projetam suas próprias necessidades e desejos em Deus e, como resultado, negam sua própria humanidade, e consequentemente a sensibilidade.

Isso leva a um sentimento de desamparo, de forma que as pessoas se desconectam de si mesmas e de suas próprias vidas.

Por esta razão, o homem necessita ver-se independente destes fatores psicológicos (a alienação religiosa, a patologia psíquica) para compor uma sociedade emancipada, guiada por uma verdadeira moral que vise o bem comum. E, para que de fato o homem detenha as bases para sua emancipação, isso implica, além de uma mudança radical no pensamento filosófico, também, em uma profunda transformação da consciência humana (Melo, 2012, p. 13).

Serrão (1999) define que a filosofia de Feuerbach pode ser compreendida como a defesa do ser humano integral, conectado com a natureza e com a comunidade, um ser cujas bases estão fundamentadas na antropologia, na fisiologia e na filosofia.

Assim, a pensadora ainda prossegue dizendo que o sentimento de desamparo, antes promovido pela própria relação direta do homem com a natureza, passou a ser a relação de dependência que os seres humanos possuem uns dos outros.

Com o abandono do estilo de vida nômade e a adoção do sedentarismo, acompanhados pelo estabelecimento das comunidades em assentamentos coletivos, surgiu uma nova forma de expressão desse desamparo. Antes da formação das cidades o homem o experienciava quando dependia somente da natureza e experimentava a sensação de desamparo por conta de sua imprevisibilidade, agora outra angústia se instala no meio humano: a própria cultura ou civilização.

A Natureza desdivinizada é enfraquecida e considerada como a base da subsistência; torna-se mais dócil e apta ao domínio; pode ser cultivada e é considerada como a fonte geradora da qual se retiram os proveitos necessários [...] (Serrão, 1999, p. 264-265).

O assentamento das culturas, o plantio, a construção de casas e a divisão das tarefas fez com que comunidades estáveis surgissem. A sensação de insegurança diante das forças naturais é amenizada. Gradualmente, a dependência direta da natureza é substituída pela dependência ao grupo social.

Esse grupo passa a desempenhar o papel de mediador e garantidor da segurança dos seus membros, estabelecendo formas internas de organização social, como o poder, as leis, os códigos jurídicos e as regulamentações morais.

Para estabelecerem-se, as primeiras comunidades subordinam os deuses da Natureza próxima aos distantes céus. A natureza, desprovida de divindade, torna-se mais vulnerável e é vista como a base da subsistência, sendo domesticada e explorada para obtenção dos recursos necessários para a sobrevivência.

A determinação básica dos instintos na vida humana não significa apenasmente (*sic*) uma vida cêntrica, uma vez que aparece numa necessidade de satisfação para fornecer as condições básicas e naturais para a vida e o desenvolvimento do intelecto, e em especial a filosofia. Nisso afirma Feuerbach, “eu não vivo para beber, mas bebo para viver”. A existência do homem não deve ser presa à simples satisfação dos instintos, mas estes devem ser satisfeitos para possibilitarem o pleno desenvolvimento da existência (Lopes, 2014, p. 69).

Segundo Feuerbach, o medo e as limitações podem ser sanados pelo ser humano quando esses estão em conjunto, em comunidade. E aqui aparece a força da comunidade como instância mediadora real das relações humanas, em contrapartida à comunidade ilusória, perdida, da religião cristã. A força - e aqui não faço distinção entre força física e talento intelectual - de diversos homens é capaz daquilo que um indivíduo solitário não conseguiria.

O desenvolvimento da técnica, criado pela própria comunidade através da junção das capacidades individuais de cada um, para a criação de elementos que pudessem contribuir para o desenvolvimento de uma vida melhor, mais feliz, fez com que o homem acabasse por manter com o outro uma relação de dependência, que substitui o sentimento de dependência à natureza ainda rude, ainda não transformada pelo ser humano através da colheita, da construção, da constituição das suas primeiras normas jurídicas. Nesse sentido, a diferença tão abissal entre o homem e a natureza foi parcialmente preenchida.

Quando o homem, que anteriormente era completamente determinado pela natureza, passou a interferir nela, a moldá-la a sua própria maneira ou em outras palavras, construir a partir da natureza um mundo projetado pelos humanos.

Assim, Feuerbach (cf. 2009, p. 247) traz alguns exemplos nos quais os humanos divinizavam a natureza por ainda desconhecê-la. Os peruanos acreditavam que um eclipse solar era sinal de descontentamento do sol, como resposta a algum erro cometido por eles. Ou seja, um eclipse era visto como a manifestação de mau humor do sol. Por sua vez, os índios do Orenoco consideravam o sol, a lua e as estrelas como seres vivos. Os patagônios acreditavam que as estrelas eram indígenas em uma vida anterior e que o céu era um campo de caça de avestruzes para estes. De forma similar, os groenlandeses acreditavam que o sol, a lua e as estrelas eram seus antepassados, que foram transferidos para o céu em uma ocasião especial. Essas crenças evidenciam a percepção das antigas civilizações sobre os elementos celestiais como entidades vivas em uma relação próxima à humanidade.

3.3 Crítica ao papel da religião na formação da sociedade política: uma aproximação inicial ao problema

Apesar de suas notáveis ideias, Feuerbach manteve grande empenho no desenvolvimento de suas teses em relação a essa problemática do papel da religião em sociedade e trouxe para a contemporaneidade grandes reflexões sobre o “sujeito”. Outra grande contribuição foi de analisar o desenvolvimento da religião no processo de alienação no âmbito da política, em que o sentimento de desamparo se instaura, exclusivamente, não pela

necessidade imediata da natureza, mas pela necessidade que se desenvolveu de convivência em cultura com o estabelecimento do Estado de Direito.

Enquanto os deuses forem poderes, e poderes naturais originais que a imaginação humana transforma em seres antropomórficos, o homem se ajoelha diante deles, sente diante deles sua nulidade, são objetos do sentimento da nulidade, do medo, da devoção, do espanto, da admiração, são seres terríveis ou majestosos que causam no homem todas as impressões que em real causa no homem um ser ou uma imagem provida dos poderes encantadores da fantasia (Feuerbach, 2009, p. 225).

Sousa (2015) diz que a filosofia feuerbachiana possui um método chamado de genético-crítico e que é assistemático. A interpretação e compreensão de Feuerbach apresenta o desvendamento do enigma verdadeiro da religião e uma filosofia até então vulgarizada pela tradição. Esse método consiste basicamente em dois passos básicos e de ordem didática: 1º) delinear os elementos constitutivos da religião (procurar o código genético dela, bem como o que a torna possível, o que conduz à distinção entre a essência falsa e a essência verdadeira da religião); e 2º) identificar tais elementos um por um, por intermédio de uma redução do composto ao simples.

Através desse método Feuerbach compreende o geral e o particular, também como o particular participa do geral, mas de forma relacionada. De tal maneira que, a aproximação do sensível ao que é singular converte-se numa conexão onde o sentimento deve ser concebido como elemento fundante da individualidade. É através da sensação individual que o homem desenvolve seu conhecimento, suas ações éticas e morais, tendo como fundamento maior a autoconservação, a partir da vivência em Comunidade.

O homem singular por si não possui em si a essência do homem nem enquanto ser moral, nem enquanto ser pensante. A essência do homem está contida apenas na comunidade, na unidade do homem com o homem - uma unidade que, porém, se funda [stützt] apenas na realidade da distinção do eu e do tu (Feuerbach, 2008, p. 73).

Ao ser analisada, a vida em comunidade manifesta a terceira instância das relações humanas: o Nós. Este é o elemento primordial para a construção das identidades individuais que compõem o ser humano, tais como o Eu e o Tu. Chagas (2015) afirma que não se pode conceber no homem a ideia de individualidade plena, sem limites, uma vez que pensar o indivíduo fora de sua materialidade, o desnatura, põe em dúvida seu princípio de autoconservação, seus instintos (*trieb*) e sua natureza essencial. Assim, a vida do homem deve ser compreendida de suas relações à sua individualidade, pois a compreensão individual configura-se, antes de qualquer coisa, como apreensão da configuração do todo.

Para García Rúa *in* Feuerbach (1993) o conceito de individualidade é compreendido através da vivência autêntica em comunidade, na qual o ser humano adquire seu real caráter

com o objetivo da autoconservação do Eu-Tu pessoal e como consequência, a conservação do Nós realizado em comunidade. Nesse sentido, o filósofo alemão destaca que “[...] a sociedade é o meio irrecusável para a produção e desenvolvimento do pensamento, pois não por si, mas por aquela razão que está presente, que se manifesta como uma comunidade e parceria de vida, o acesso do homem a razão que pensa” (p. 33).

A relação Eu e Tu não surge isolada, mas integrada numa filosofia da sensibilidade, superadora da exclusividade do pensamento puro e da racionalidade teórica; numa filosofia da corporeidade que substitui a autonomia da consciência por uma subjetividade incarnada num corpo e num corpo existente num mundo; numa verdade filosofia exclusivamente humana que recusa toda a referência teológica que fora a matriz fundamental da história da filosofia; e sobretudo numa concepção de alteridade e da diferença, elementos de uma ontologia sensível que recusa a absorção do diferente em qualquer plano de identidade previamente determinado (Serrão, 1999, p. 219).

Lima Filho (2018, p. 21) diz que “é fundamental a Feuerbach certificar que ao tempo em que o homem é marcado pelo seu fundamento natural, é dependente igualmente de outro homem” ao afirmar-se em comunidade. Assim, a síntese de sua essência é definida pela representação material do pensar, do amar e do querer: competências que apenas podem ser executadas através do processo de interdependência que passou da natureza à relação com outros humanos.

Feuerbach (2008, p. 9-10) afirma que “a característica essencial de uma existência objetiva, de uma existência fora do pensamento ou da representação, é a sensibilidade (*Sinnlichkeit*)”. Nesse sentido, Serrão (2013) compreende por individualidade, na filosofia de Feuerbach, uma condição que torna a essência ideal em material e individual pois, “o que é sensível existe como sempre singular” (p. 102). Chagas (2015, p. 14) destaca que Feuerbach compreende a singularidade correlata à vontade, pois, é “dependente de minha natureza, de minha essência [...], isto é, a qualidade essencial de minha individualidade”.

Seguindo este raciocínio, Feuerbach dá início a uma nova compreensão de singularidade e da importância das relações com as outras individualidades tão somente através da ação mútua, em que a universalidade se concretiza no exercício da singularidade junto à alteridade. Assim, Serrão (2013, p. 99) verifica em Feuerbach um “autoesclarecimento de um processo psicológico” que decompõe a percepção da razão no redirecionamento a si mesma derivando em uma sensibilidade ético-comunitária. É nesse sentido que traz à tona a proposta feuerbachiana, que ao desmascarar a religião, especialmente a cristã, como uma “patologia psíquica” (Feuerbach, 2012, p. 13), revela-a como um hipérbato da sensibilidade humana erguido à ausência de corpo atribuído a uma consciência, que aliena o homem de sua própria essência, de sua individualidade. Isto fornece fundamentação de a extensão interativa que se

encontra entranhada à vida em comunidade, na ética e na política, como fundamento de coexistência e alteridade, ser também proposta terapêutica nas obras de Feuerbach.

Para Chagas (2015) podemos conceber o desenvolvimento de uma nova noção de liberdade em Feuerbach, visto que, o mesmo propõe que a liberdade possui sua dimensão condicional, ao contrário da perspectiva cristã que admite uma liberdade ilimitada.

Uma liberdade irrestrita, que não possui condições para o exercício do ato de ser livre não é uma liberdade, pois ser livre pressupõe um querer e exatamente por possuir condições é que o homem quer, pois, aquilo que já está dado, que já é tido como certo, o homem dispensa de sua atenção.

Assim, ao seguirmos a linha de pensamento de Feuerbach em relação ao agir, pode-se dizer que uma ação é livre quando acontece de acordo com as condições essenciais que pressupõem sensivelmente a existência dos predicados do objeto, ou seja, que estão submetidas às circunstâncias e vão além da vontade subjetiva.

Portanto, é somente livre a ação que atua em concordância com a sua própria essência, ou seja, ao lançar-se uma pedra para o alto fazendo com que ela seja atraída pelo centro gravitacional da Terra, não a fazemos menos livre, visto as determinações sensíveis às quais está submetida na natureza, pois também é natureza, e tem sua liberdade condicionada aos predicados da sua própria essência enquanto pedra.

Por isso, Feuerbach critica aqui os filósofos especulativos, os espiritualistas e teólogos, que atribuem ao homem uma liberdade, uma vontade (*Willen*) independente, livre das determinações e condições de sua essência real, de todas as leis da natureza e, precisamente por isto, de todas as tendências naturais, as inclinações, as pulsões, os instintos (*Trieben*) sensíveis (Chagas, 2015, p. 10).

Mas, o que constitui a essência humana? “a essência do homem é o que constitui o gênero, a humanidade no homem, o que faz com o que o homem seja homem” (Souza, 1994, p. 53). Outrossim, a essência do homem é aquilo que ele é em comunidade, o que é representado como o Nós, que se baseia na relação entre Eu e Tu.

O ser humano, pensado fora de sua essência, não possui existência, visto que há uma exigência natural de que as condições que o rodeiam estejam de acordo com o propício desenvolvimento do ser-homem e da humanidade.

A religião cristã, pelo menos em sua essência negativa, coloca o conceito de humanidade acima do próprio homem e ainda o desnaturaliza.

A vontade ou o querer, segundo Souza (1998), foi o terceiro interesse de Feuerbach ao longo de sua bibliografia, além de tratar primeiramente acerca do homem, depois sobre a natureza e por último do desejo como origem da religião.

O homem é um ser intencional, e na intencionalidade de seus atos busca sumariamente saciar seus desejos, visto que lhe apresentam uma falta. De acordo com Feuerbach, por conta do fato da religião cristã ser especialmente subjetiva, é a vontade e a fantasia do indivíduo que dominam as suas crenças a respeito da realidade ou do mundo.

Apesar do cristianismo tratar das questões humanas no que tange os aspectos positivos ou potentes da humanidade, o faz de forma equivocada quando relega a Deus aquilo que deveria ser tratado entre homens, num espaço em que pudessem ser discutidas as diferenças, as dificuldades e contradições que ocorrem no seio da sociedade. O conteúdo alienante da religião não está exclusivamente em sua própria essência, mas torna-se alienado como um lenitivo para as questões sociais e terrenas.

O homem, ao não corresponder a seu próprio gênero como sendo uma construção sua, que se deu ao longo da história humana, contenta-se com a explicação na qual Deus tudo criou. A religião configura-se assim como um problema, na medida em que é utilizada para a resolução de questões que deveriam ser tratadas pelos seres humanos, visto que, com o desenvolvimento da técnica e da ciência, acreditava-se que o mundo poderia se tornar um lugar melhor para os humanos pelo menos naquilo que toca o aspecto das necessidades básicas. Diz Feuerbach que: “a religião cristã não tem decerto em sua consciência nenhum sacrifício humano corporal, anatômico, mas tem muitos psíquicos” (Feuerbach, 2012 p. 87).

Feuerbach propõe a defesa da comunidade real em detrimento da comunidade ilusória, e que a comunidade ilusória nada mais é que o gênero humano, porém, apartado do ser humano corporal, sensível, individual. A comunidade possui o gênero humano na sua integralidade, na sensualidade, no entanto, enquanto individual, corpóreo e limitado, o ser humano se vê diante das forças implacáveis da natureza e da cultura. Vê também seu nível de vulnerabilidade diante delas e assim se sente não mais por conta da ausência da natureza e de tecnologia, mas exatamente pelo fato dessas existirem e não servirem a todos.

A miséria material do mundo cristão tem pois seu motivo somente em seu Deus ou ideal espiritual. Um Deus espiritual só cuida da salvação da alma mas não do bem-estar físico do homem. Sim, o bem-estar físico está até mesmo na maior contradição com a salvação da alma, como o disseram os cristãos mais devotos e importantes. Por isso, ao invés do conteúdo religioso, deve o homem agora estabelecer um outro ideal. Que não seja nosso ideal um ser castrado, sem corpo, abstrato, mas o homem total, real, polivalente, completo, culto. Não só a saúde da “alma, não só a perfeição espiritual pertença a nosso ideal, mas também a integridade, o bem-estar e a saúde corporal! (Feuerbach, 2012, p. 287).

Assim, que sentido a construção da identidade política pode seguir num ambiente em que a educação, moradia, alimentação, bem-estar se encontram completamente defasados?

O processo de secularização ocidental modificou diversos ambientes e proporcionou uma grande melhora para a vida humana. A técnica e a ciência se fortaleceram e foram as responsáveis por diversas criações que sem as quais, talvez, a espécie humana estivesse em risco de extinção.

Contudo, atualmente, podemos nos perguntar como é possível a existência de um desenvolvimento tecnológico tão grandioso, como vemos, das benesses que a ciência auxilia a produzir em velocidade exponencial, e proporcionalmente um grande número de pessoas com pouco ou nenhum acesso aos produtos dessas tecnologias? Como uma máquina pode semear 18 hectares de terra em apenas uma hora, mas a maior parte da população passar fome? E o pior, todos permanecerem calados como se nada anormal estivesse ocorrendo? “Até mesmo hoje os governos rudes e que ignoram os profundos interesses humanos lançam mão da religião para conter a miséria humana, ao invés de lançar mão dos meios positivos de ajuda e instrução” (Feuerbach, 2012, p. 235, nota 43).

A ciência proporcionou aos seres humanos um maior distanciamento de Deus, processo que parece ocorrer em todas as religiões, mas de forma lenta e gradativa. Feuerbach parecia compreender que não iria ocorrer um abandono total da religião, mas que seria possível uma espécie de “sobreposição” da crença religiosa pela ciência, visto que, depois que a ciência sanasse todos os males da vida humana, Deus e as religiões não fariam mais nenhum sentido para a humanidade.

Essa defesa da ciência enquanto a promotora da autonomia humana frente as forças obscuras do idealismo e do cristianismo fez com que Feuerbach compreende-se que, ao libertar-se das amarras religiosas ou metafísicas, o ser humano seria capaz de controlar a própria existência, agindo de modo ético e moral uns para com os outros.

Mas certamente para esta época que prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a fantasia à realidade, a aparência à essência, é esta transformação, exatamente por ser uma desilusão, uma destruição absoluta ou uma pérfida profanação, porque sagrada é somente a ilusão, mas profana a verdade. Sim, esta sacralidade aumenta na mesma proporção em que a verdade diminui e a ilusão aumenta, de forma que o que é o mais alto grau de ilusão é também o mais alto grau de sacralidade (Feuerbach, 2012, p. 25).

Nesse sentido, Feuerbach tece sua crítica à religião e seu papel de formação na sociedade política na medida em que pretende fazer a substituição de uma razão que seja isolada e autossuficiente por uma razão que esteja relacionada com outros; do subjetivismo sozinho e isolado pela bipolaridade que marca e funda a alteridade.

É graças à vivência com os outros, ou dito de outra forma, graças à vivência moral, que o homem se descobre, para além de si mesmo, a relação intrínseca que ele possui para com os

outros. Assim, o homem descobre-se também como ser responsável, que possui a capacidade de reduzir suas próprias ações em função da comunidade, fazendo com que ele possa ter uma forma de vida em comum com outros, não apenas através de uma sociabilidade neutra, como também regulada pela solidariedade e pela felicidade.

Sobre as relações altruístas, Feuerbach as reconhecerá apenas como uma espécie de desdobramento da própria autorreferencialidade, pois a ação, enquanto a aliviar a miséria do outro, pode representar o alívio da minha própria o alívio da minha própria miséria. Posso ter meus desejos e interesses projetados sobre o outro. Uma ação pelo outro fundada na preocupação pela preservação das coisas que eu próprio coloco como objetos de minha concepção moral. Fazer bem a outrem pode significar a forma como eu compreendo a moral e o interesse que eu tenho por fazer prevalecer minha imagem de mundo sobre as outras concepções possíveis (Lopes, 2014, p. 220-221).

O sentido da política em Feuerbach se dá, então, como uma forma de comunidade de homens que são felizes e agem de forma recíproca e responsável, constituindo uma comunidade humana na qual a felicidade em conjunto é muito mais importante do que a liberdade reflexiva, comunidade na qual a atividade cooperativa é sobreposta a qualquer autoafirmação individual.

Verdade é o homem e não a razão *in abstracto*; a vida, não o pensamento que permanece no papel, que só encontra a sua existência completa e correspondente no papel. Por isso os pensamentos que se transportam imediatamente para o sangue, da razão para o homem, não são mais verdades científicas (Feuerbach, 2012, p. 19).

No entanto, essa perspectiva de que a felicidade deve estar em detrimento da liberdade deve ser avaliada com mais calma. O momento no qual Feuerbach pretende discutir a desvalorização da liberdade em função da felicidade acontece apenas de forma aparente, visto sua defesa de que a liberdade não apenas integra o princípio de felicidade, mas relaciona-se a ele na experiência do viver sensível. A liberdade ajusta-se à felicidade, como fatores equivalentes, visto que não pode haver uma existência livre que seja infeliz e nem uma feliz que seja prisioneira. Assim, é nesse sentido que Feuerbach defende a felicidade humana como o primado para a vivência humana em concórdia com a comunidade, na qual a felicidade é o pressuposto para todas as outras relações que os homens venham a ter uns com os outros.

4 SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA E A CRÍTICA À RELIGIÃO EM FEUERBACH: O SURGIMENTO DO DESAMPARO

4.1 Religiões Naturais e o sentimento de dependência à natureza

De acordo com Arcanjo (2020) Feuerbach destaca a existência das primeiras formas de manifestação religiosa denominando-as de religiões naturais, as quais tem como objeto de adoração religiosa apenas entidades que estão conectadas com os fenômenos da natureza de forma direta ou indireta. Veliq (2020) afirma que, por estarem diretamente ligadas aos sentidos humanos, os acontecimentos naturais puderam descortinar para o homem a sua necessidade de união enquanto espécie, da alteridade, visto que, em comunidade, em conjunto, é possível fazer aquilo que sozinho seria impossível, como por exemplo, superar a força da natureza.

O medo da escassez, terremotos, pragas e etc. causou a dependência humana de um ser superior, visto a impotência da espécie frente aos acontecimentos devastadores da natureza e mesmo quando o homem já sabia que poderia encontrar na união aos semelhantes o rompimento de sua limitação, existiam limitações que, mesmo juntos, eram impossíveis de serem controladas, como as supracitadas.

os deuses não são somente entidades da imaginação, mas também objetos das dificuldades do coração, objetos dos sentimentos que dominam o homem nos mais importantes momentos da vida, na felicidade e na desgraça, e exatamente pelo fato de o homem procurar conservar o que é bom e agradável e evitar o que é mau e desagradável, são também objetos da ânsia de ser feliz (Feuerbach, 2012, p. 257).

Assim, sol, rios e mares foram objetos de veneração na medida em que estes provocaram, nas antigas civilizações, o medo ou a dependência daquilo que eles proporcionavam, na tentativa de aplacar o temor ocasionado nascido do desconhecimento humano sobre a natureza. Na religião natural o primeiro objeto de contato que o humano possui é a própria natureza, que sacia suas necessidades primordiais para mantê-lo vivo e, assim, destaca-se a dependência às coisas boas e prazerosas que os seres humanos experimentam através da natureza desde sua mais tenra idade.

Composta por uma cultura rudimentar, a dependência da religião natural pela natureza era maior e conseqüentemente também sua aproximação da mesma. Deste modo é que o religioso natural percebeu a natureza com olhos de admiração pelo benefício que essa lhe oferecia e pelo temor que lhe transmitia, passando então a sacralizá-la. A divinização da natureza ocorreu como uma tentativa do homem de reconciliação e de aproximação em relação à mesma, como um refúgio para seus medos e como agradecimento pelas suas alegrias (Arcanjo, 2020, p. 22-23).

Nas religiões naturais é a natureza que possui maior força sobre os sentidos humanos, visto o desconhecimento de suas causas, origens e finalidades. As religiões pagãs faziam da natureza os seus deuses de acordo com as necessidades que os homens possuíam frente a essa, o que poderia ser medo ou agradecimento, pois, a religião também se volta para esse segundo aspecto. No entanto, esse agradecimento é apenas pela não ocorrência do desprazer, da sede, da fome e da morte.

Confirma-se ainda explicação da religião a partir do medo pelo fato de que mesmo entre os povos elevados espiritualmente a mais alta divindade é a personificação dos fenômenos naturais que produzem no homem o mais alto grau de medo, a divindade da tempestade, do trovão e do raio (Feuerbach, 2009, p. 40).

É nesse sentido que o humano, ao ter medo da natureza, objetiva a essência individual da sua consciência, que é então compartilhada por todo o gênero, por conta do corpo e dos sentidos comuns a todos, mesmo tendo em vista sua diferença quantitativa. Portanto, a objetivação da essência da consciência em um ser transcendente nada mais é que o avesso de sua própria consciência humana após o contato com a natureza, na tentativa de superar seus perigos e aliviar a sensação de impotência.

Assim, o homem cria a sua divindade a partir da relação de dependência com a natureza, objetivando o sentimento de carência e desamparo. Para Feuerbach (2009), o paganismo persa e nórdico, ao explicar a origem dos fenômenos naturais tais como estações do ano, fases da lua e período de cultivo, tomam a natureza como uma entidade que pode fornecer para seus crentes coisas boas ou ruins, de acordo com a necessidade do próprio corpo.

Assim, por exemplo, o sol só é objeto de um culto próprio quando adorado não apenas por causa de seu brilho, de sua aparência que toca os olhos, mas quando é adorado como o princípio supremo da agricultura, como a medida do tempo, como a causa da ordem natural e social, como o fundamento público e notório da vida humana, resumindo, quando é adorado por causa de sua necessidade e beneficência (Feuerbach, 2012, p. 51).

Feuerbach caracteriza a religião na sua forma alienante como meio de aprisionamento das potencialidades humanas, na medida em que os indivíduos as projetam em um ser sobre-humano previamente admitido como real, mas à sua semelhança, generalizado, sem as limitações físicas e psicológicas do indivíduo isolado. A partir dessa projeção, esse ser lançado para fora da consciência aparece não mais como um constructo humano, mas como um objeto autônomo. A adoração da natureza nas religiões naturais e pagãs pode ser compreendida como resultado desse processo de projeção da consciência humana em um ser que o homem imagina estar fora dele.

A projeção psicológica, que transforma o pensamento determinado pelas condições sensíveis em objeto autônomo desprovido de sensibilidade, possui características alienantes e patológicas, pois, domina e sobrepõe os humanos, ao direcionar suas vidas tal como se o ente projetado possuísse existência real, o que caracteriza, em linhas gerais, o que se denomina de patologia psicológica religiosa.

Neste livro não se tornam as imagens da religião nem pensamentos – pelo menos no sentido da filosofia especulativa da religião – nem realidades, mas são consideradas como imagens – i.e., a teologia não é tratada nem como uma pragmatologia mística, como o é pela mitologia cristã; nem como ontologia, como o é pela filosofia especulativa da religião, mas como uma patologia psíquica (Feuerbach, 2012, p. 13).

De acordo com Deranty (2012, p. 09, tradução nossa) “a projeção religiosa nasce como um mecanismo de restauração do equilíbrio psíquico em resposta à grande angústia dos seres humanos face a sua exposição inescapável de sofrimento e morte⁸”.

[...] os desejos do homem são arbitrários, livres de leis e refreamentos, mas a religião impõe leis, deveres e restrições ao homem. Mas os deveres são apenas instintos, as disposições e os desejos fundamentais do homem que nos períodos e condições de incultura a religião ou Deus transforma em leis – e, nos estágios de cultura e razão, a própria natureza do homem, - leis estas às quais ele deve subjugar estes ou aqueles desejos e paixões especiais (Feuerbach, 2009, p. 278).

O fio condutor da reflexão de Feuerbach é a necessidade que os humanos têm em conhecer sua origem, de sentirem-se protegidos e amparados. De acordo com Zilles (2002), os humanos possuem religião por desconhecerem a origem e o final da sua existência assim como os mistérios envolvidos nestes processos. Nesse sentido, quando os humanos não possuem conhecimento ou consciência sobre determinado fenômeno ou situação alegam ser de origem divina, pois Deus é o “limite” da consciência acerca da realidade objetiva. “Feuerbach não diz simplesmente que Deus foi criado pelos humanos como um poder externo que poderia representar a realização de um drama de nossos desejos interiores⁹” (DERANTY, 2012, p. 09, tradução nossa), mas, também, como uma limitação da própria capacidade de conhecer e explicar racionalmente os acontecimentos.

Feuerbach tem pelo menos dois principais momentos literários de desenvolvimento teórico em relação à religiosidade: o primeiro na obra *A Essência do Cristianismo* em que compreende a religião como um fator projetivo, uma antropomorfização da autoconsciência em

⁸ “Religious projection arises as a mechanism restoring psychic balance, in response to the deep anguish felt by the human being in the face of his inescapable exposure to suffering and death.”

⁹ “The psychological mechanism underlying religious projection is clearly expressed here: religious projection arises as a mechanism restoring psychic balance, in response to the deep anguish felt by the human being in the face of his inescapable exposure to suffering and death. Feuerbach does not simply say that God is created by humans as an external power that would represent the fulfilment in an outside theatre of our innermost wishes.”

outro ser que se diferencia do homem na força das qualidades, que ao mesmo tempo é o próprio humano, mas apenas no que diz respeito à sua afetividade, ao humano enquanto ser sentimental. No outro momento, de mais maturidade, em suas *Preleções*, Feuerbach faz a interrelação entre humanos e Natureza (*physis*). Assim, pode-se dizer que o ser humano na sua condição de vulnerabilidade física e por encontrar-se em desvantagem natural em questões de força, divinizou a natureza como um ente sobrenatural para que pudesse lidar melhor com a realidade na qual vivia.

A religião só surge, pois na noite da ignorância, na dificuldade e na falta de recursos, na incultura, em circunstâncias onde, exatamente por isso, a imaginação domina todas as outras forças, onde o homem vive em concepções exageradas, em movimentos afetivos exaltados, mas ela surge ao mesmo tempo da necessidade que o homem sente de luz, de cultura ou pelo menos das finalidades da cultura, ela nada mais é que a primeira, mas ainda de forma rude e popular forma cultural da essência humana; daí se iniciar com a religião todo período, toda fase importante da cultura humana (Feuerbach, 2012, p. 235).

As religiões são as primeiras formas de manifestação e constituição de uma cultura, visto que, é através do sentimento de medo e dependência à natureza que são instituídas as primeiras leis para o convívio comunitário a fim de possibilitar a harmonia entre os seres humanos. Os grupos humanos, ou seja, as comunidades humanas, nascem da necessidade, do medo e da fragilidade às quais um único indivíduo está exposto sem o agrupamento a outros. A natureza, observada as suas mecânicas que ocorrem no seio dos fenômenos naturais, desencadeou a união dos homens quando estes se sentiram frágeis e amedrontados diante de suas forças desconhecidas.

Graças à vivência moral, o indivíduo descobre-se, para além de ser com outros, também como ser responsável, capaz de restringir as suas ações (*sic*) em função deles, obtendo deste modo a vida em comum consistência própria não apenas na socialidade neutra, mas regulando-se positivamente pela felicidade e pela solidariedade (Serrão, 1999, p. 344).

A religião deve ser entendida como uma forma representativa e imaginária da primeira comunicação entre os seres humanos, que tem como meta a constituição de seu bem-estar, felicidade e segurança.

A religião natural ou pagã nasce da necessidade de segurança que surge na espécie por conta do sentimento de dependência que o homem possui da natureza que também provoca nele grande medo, visto sua fase de ignorância e desconhecimento das forças que atuam em si e fora de si, sobre as quais ele tem nenhum controle. Feuerbach diz que “povos rudes fazem objeto da religião só ou principalmente os fenômenos da natureza” (Feuerbach, 2009, p. 39).

A mais problemática das determinações universais que o entendimento coloca em Deus é a perfeição moral. A consciência da eternidade ou da onipotência divinas

não entra em conflito com a finitude ou com os poderes limitados próprios do homem, porque eu sei que, nestas minhas limitações naturais, apenas vivo a minha condição sem ofender Deus, sem pecar. Mas, em contrapartida, *a consciência da perfeição moral é constantemente sentida como uma tensão do homem consigo mesmo, como a mais profunda cisão que rasga a consciência humana* (Aleixo, 2009, p. 22).

É interessante notar que a base do sentimento religioso não é apenas o medo, mas também o sentimento que está em sua oposição: a alegria. O sentimento basilar que constitui o ponto nevrálgico da religião natural é o sentimento de medo, visto que é a partir dele que se bifurcam tanto o pavor das intempéries como o agradecimento pelo não acontecimento de alguma desgraça que perturbe seu bem-estar. O sentimento de alegria não está necessariamente ligado ao fato de o homem possuir aquilo que deseja, mas do desejo de não ser castigado, de não sofrer, que tem como consequência alegria e gratidão.

Assim, Feuerbach faz uma breve sintetização do fundamento do sentimento religioso nos humanos e diz que:

O sentimento de dependência é o único nome e conceito universalmente certo para a designação e explicação do fundamento psicológico e subjetivo da religião. Na realidade, entretanto, não existe nenhum sentimento de dependência como tal mas sempre sentimentos determinados e especiais, como, por exemplo, (para tomar exemplos à religião natural) o sentimento da fome, do mal-estar, o medo da morte, a tristeza em tempo escuro, a alegria no bom tempo, a dor em consequência do esforço inútil e de esperanças fracassadas diante de acontecimentos naturais desastrosos, casos em que o homem se sente dependente [...] (Feuerbach, 1989, p.35).

O medo foi um dos maiores motivadores para a “invenção” de um deus como método para explicar a ocorrência dos fenômenos naturais que não eram entendidos pelo conhecimento racional, mas apenas pelo afetivo. Nessas crenças religiosas, a natureza representa um ser superior ao ser humano, sendo a fonte que governa tanto a vida quanto a morte, o início e o fim de tudo. Não ocorre, portanto, uma separação entre os sentidos e a natureza.

Dentro dessa perspectiva, a religião natural representa o momento inicial em que o ser humano se reúne em comunidade, desenvolvendo sua base cultural e religiosa. Além disso, a natureza, sendo sensível às emoções humanas, é considerada o objeto de adoração ideal nessas primeiras sociedades.

Para Serrão (1999), a filosofia de Feuerbach é uma tentativa de resgatar os humanos de sua condição de patologia psíquica ocasionada pela religiosidade, a qual recai não somente sobre os pensamentos dos indivíduos, mas também sobre seus corpos, sobre o bem-estar e bem-viver.

O humano é um ser universal, genérico, mas ao mesmo tempo limitado e individual que precisa da ajuda de outros seres humanos para conseguir viver. O amor, ou seja, o sentimento de união e comunidade, é inerente aos homens e deve nele ser trabalhado e potencializado como

fonte emancipadora do sentimento de desamparo experimentado pelo homem. Sentimento que agora não existe somente diante da natureza, mas da cultura também, por conta da ausência de uma comunidade política real implicada pela religião, entendida como constituída por homens e mulheres feitos de carne e osso. Nesse sentido, a religião funciona como um lenitivo ou o último suspiro do indivíduo frente às necessidades materiais.

Particularmente em *Preleções*, Feuerbach assume esse novo posicionamento em relação à sensibilidade à sua filosofia e em suas obras subsequentes. O que é objeto para o humano e o toca, o faz ser humano em sua totalidade a partir de sua sensibilidade, na forma através da qual ele se relaciona com o mundo pelos sentidos, com os outros animais e os fenômenos do mundo. No entanto, destaca-se que Feuerbach não equipara o humano aos demais animais, como também não compara os demais animais com o humano, visto as peculiaridades da sensibilidade de cada um.

Deus é o objeto que o faz o homem ser humano, pois, é na tensão com o objeto e sujeito que nasce o Eu. O que difere o ser humano dos demais animais é o objeto do sentido, uma vez que nos humanos este é a sua própria essência transformada em objeto de si mesmo, como um ser diferente de si.

Deus é apenas um nome genérico, sem nenhuma vida ou existência autônoma, sendo, ao contrário, a vida humana maximizada. A realidade e existência oca de Deus é um conceito puro do pensamento arrancado de suas mediações sensíveis, um produto da mera fantasia desenfreada frente ao anseio de ser feliz.

A religião é portanto não só o objeto da imaginação, da fantasia, mas também um objeto da faculdade apetitiva, do desejo e da ânsia do homem de evitar sentimentos desagradáveis e proporcionar a si sentimentos agradáveis, de conseguir o que não tem, mas gostaria de ter e se livrar do que tem, mas do que gostaria de não ter (Feuerbach, 2009, p. 224).

Feuerbach (2009) não afirma deus como entidade objetiva assim como são as plantas e as pedras, mas o identifica como *Ens rationis*, uma essência objetivada, compreendida como existente exterior e ontologicamente, idêntico ao humano. Afirma, ainda, o humano como ser sensível, independente, provido de liberdade, que busca felicidade e se reconhece ao mesmo tempo em que reconhece o outro firmando sua existência na relação Eu, Tu, Nós.

Sendo assim, qual é o fundamento que a existência humana pressupõe antes de sua consciência moral? A resposta é “a natureza”, da qual ele depende para existir. É na natureza que a essência do ser se revela no mundo, através de sua exteriorização que dá o seu próprio sentido de ser, pois o Ser somente pode sê-lo na natureza. Sobre a natureza, compreende-se que, para Feuerbach:

Natureza [...] é tudo o que tu vês e não provém das mãos e dos pensamentos humanos. Ou, se quisermos penetrar na anatomia da natureza, ela é o cerne ou a essência dos seres e das coisas, cujos fenômenos, exteriorizações ou efeitos, nos quais exatamente sua essência e existência se revelam e dos quais constam, não têm seu fundamento em pensamentos, intenções ou decisões do querer, mas em forças ou causas astronômicas, cósmicas, [...] químicas, físicas, fisiológicas ou orgânicas (Chagas, 2021, p. 53).

Lima-filho (2020) afirma que Feuerbach considera os humanos como fundamentalmente sensualidade (*Sinnlichkeit*). A primazia dos sentidos sobre as operações mentais, como é compreendida por Feuerbach, não os coloca (os sentidos) como a única forma de verificação da verdade do conhecimento, mas ressalta que uma ideia original sempre parte da mediação sensível. Feuerbach desvela a verdadeira essência de Deus, que nada mais é do que a sensibilidade humana elevada ao universal, patologizada em um ser fantástico, sobre-humano.

E nesse sentido, Serrão afirma que:

A vertente ontológica e objectiva (*sic*) da *Sinnlichkeit* estabelece, com o princípio do sensualismo, o primado do ser sobre o pensar, da existência sobre a consciência, da vida sobre a filosofia. Cabe à vertente metodológica fixar as vias do caminho complementar que pode agora conduzir a filosofia da verdade a realidade até a verdade dos seus próprios conhecimentos (Serrão, 1999, p. 111).

Com essas formulações, Feuerbach delinea uma Filosofia Realista seguindo uma perspectiva ontológica-singular em relação ao indivíduo para dar conta de explicar a possibilidade de um Ser geral, que também se manifesta nas individualidades que constituem o gênero humano, a comunidade. Tal empreendimento acontece na ultrapassagem da supremacia ontológica sobre a individualidade sensível e uma ontologia da singularidade em que há a possibilidade do ser individual e limitado fisicamente experimentar o real, o concreto, na sua dimensão mais profunda.

4.2 cristianismo e estranhamento à natureza: uma alternativa ilusória ao sentimento de desamparo

O cristianismo foi e ainda é um dos principais expoentes e influenciadores da ética e moral difundidos sobre a sociedade ocidental. De acordo com Chagas (2010) o cristianismo mostra-se completamente avesso e averso à natureza, à realidade e à sensibilidade, pela sua defesa de uma alma imortal, de acreditar que a sensibilidade é a detentora de todos os males e que induz ao erro, ao pecado. No entanto, o defender tal tese, segundo Feuerbach, o cristianismo cai em uma contradição, pois uma vez que ser e existir são condições básicas para o sentir é impossível ser feliz onde não exista sensibilidade e se não existe pele, corpo, também não há

sentimento. A aversão à natureza, percebida no cristianismo, ao contrário das religiões naturais, pode ser afirmada por duas principais razões: a) A compreensão da transição do espaço-tempo como algo negativo e b) pelo medo da morte por estar inserido dentro de uma natureza externa que muda, se transforma autonomamente, e é perene.

Para Feuerbach (2009), existem três diferentes estágios da manifestação religiosa em sociedade, a saber, o deus patriarcal, o deus déspota e o deus monarca constitucional. Nos três casos, além de refletirem a vida dos humanos e a sua relação com a religião, nos diz muito também a respeito das relações políticas humanas e de como as mesmas se comportam. Nesse sentido, Feuerbach buscou desvelar o conteúdo subversivo da religião cristã à humanidade.

A convite de alguns estudantes, entre os anos de 1848-49, foram ministradas aulas na Universidade de Heidelberg, as quais tiveram grande contribuição para o aprimoramento do pensamento de Feuerbach em suas *Preleções*. Assim, ele acaba por esclarecer que n' *A Essência do Cristianismo* tinha cometido um grave equívoco, pois percebe na mesma um sério limite¹⁰. Nesta obra, Feuerbach não considerou devidamente a natureza e dá um excessivo tratamento à essência humana. Consoante ele, essa falha deu margem a diversos mal-entendidos. O principal deles foi ter descrito a essência humana sem referir-se com atenção aos aspectos fisiológicos, mas esse “erro” fora corrigido com o lançamento das *Preleções*, que fora fruto de suas exposições das aulas.

Em sua retratação a esse erro, Feuerbach afirma que

Em *A Essência do Cristianismo*, Deus foi meu objeto de estudo somente como ser moral, por isso não pude dar nessa obra uma imagem completa de meu ponto de vista e de minha doutrina. [...] Mostrei em *A Essência do Cristianismo* que Deus considerado segundo seus atributos morais e espirituais, portanto, como um ser moral, nada mais é que a essência do homem divinizada e objetivada, e que a teologia, na verdade, em seu último fundamento e em seu resultado final é apenas antropologia. Mas agora mostro em *A Essência da religião* que o Deus físico ou o Deus considerado como a causa da natureza [...] nada mais significa que a essência divinizada e personificada da natureza, que então o segredo da teologia física é somente a física ou fisiologia (Feuerbach, 2009, p. 33-34).

Assim, afirma Souza (1994) que a redução da religião cristã proposta por Feuerbach tem como objetivo arrancar as ideias meramente abstratas que são produto da fantasia arbitrária e trazer para os humanos a compreensão de que aquilo que adoram é apenas a ampliação da essência dos indivíduos colocada em um ser uno, transcendente, sem realidade sensível e mero pensamento abstrato fantasiado.

¹⁰ Cf. Feuerbach, 2009, p. 32.

A metodologia da redução, promove a transformação da teologia em antropologia, uma vez que delimita o objeto religioso e transforma o seu composto em partes simples ou transforma seus predicados em predicados de um sujeito determinado.

O método genético-crítico empreendido por Feuerbach para conduzir a redução da religião à antropologia tem como objetivo a reconstrução das histórias dos textos em seus estados de origem, ao que se busca nesses, desvelar os segredos e códigos da própria produção do objeto e encontrar a profunda subjetividade humana envolvida em sua escrita, na sua descrição. Outrossim, esse método busca deixar compreensível e visível a originalidade do acontecimento descrito textualmente através do processo que acabou dando-lhe origem histórica-psicológica.

O método genético-crítico consiste basicamente em dois passos básicos e de ordem didática: 1º) delinear os elementos constitutivos da religião (procurar o código genético da mesma, bem como o que a torna possível, o que conduz à distinção entre a essência falsa e a essência verdadeira da religião); e identificar tais elementos um por um, por intermédio de uma redução do composto ao simples (Sousa, 2013, p. 36).

A partir desse mecanismo projetivo não consciente, que é exatamente a causa da religião cristã e a aceitação passiva da condição humana que ela promove, o homem dá poder sobrenatural ao que é da essência da própria natureza e de si próprio, assim, os religiosos cristãos acabam por ceder dentro do que eles próprio criaram, conduzindo-se à escravidão de suas próprias ideias. Dessa forma, o criador vira criatura, o servo vira senhor.

Embora as características básicas da teoria projetiva da religião de Feuerbach sejam bem conhecidas, o mesmo não pode ser dito dos seus fundamentos teóricos. Vários estudos descreveram a antropologia filosófica como centro do método genético de Feuerbach. O interesse por seu "materialismo antropológico" floresceu especialmente na década de 1970. Esse interesse foi motivado pela tentativa de renovar a interpretação de Marx, muitas vezes através de uma ênfase nos primeiros escritos "feuerbachianos" de Marx, a fim de tornar seu trabalho relevante para preocupações ecológicas e feministas emergentes¹¹ (Deranty, 2012, p. 147, tradução nossa).

Segundo Chagas (2010), Feuerbach destaca o cristianismo como uma religião especialmente subjetiva. Ao contrário das religiões da natureza, o cristianismo toma como objeto de sua adoração o próprio espírito humano, mas não o reconhece como fonte da objetivação exteriorizada das suas vontades. Esse acontecimento de não reconhecimento da própria consciência que é posta para fora é o ponto fundante da religião do espírito, visto que

¹¹ "Whilst the basic features of Feuerbach's projection-theory of religion are well-known, the same cannot be said of the theoretical underpinnings of that theory. A number of studies have outlined the philosophical anthropology at the heart of Feuerbach's genetic method. Interest in his "anthropological materialism" flourished in the 1970s especially. It was motivated by the attempt to renew the interpretation of Marx, often through an emphasis on the latter's early, "Feuerbachian" writings, in order to make his work relevant for emerging ecological and feminist concerns".

quanto mais não se compreende racionalmente o deus adorado, mais realidade ele possui, pois, a fantasia desenfreada e a imaginação não são objetos compreendidos pela razão.

Como se sabe, a razão não ouve os sofrimentos do coração, pois, os sentimentos não são objetos para a razão; tal como as pupilas se contraem quando existe incidência de luz sobre elas sem que se observe reação semelhante nos ouvidos, visto que a luz é objeto para a visão, mas não para a audição, assim como o som não é objeto para os olhos.

O Cristianismo é uma religião, na qual se revela um completo desprezo à natureza, pois nele foi consumado o espírito como imaterial, não-sensível, e Deus como um ser que existe para si, absoluto, personificado, externo e estranho à natureza. O âmago Cristianismo não é, então, Deus na natureza, mas, pelo contrário, Deus ilimitado, livre dela e sobre ela; o cristão experimenta a natureza, sua necessidade e suas leis contínuas, apenas como limite insuperável que se opõe, como veremos, à sua pretensão a uma existência imaterial, sobrenatural e transcendente (Chagas, 2011, p. 58).

A negação da natureza não é algo exclusivo do cristianismo e também pode ser observada nas religiões naturais através do antropomorfismo, no entanto, o cristianismo dá maior ênfase a essa negação por conceber a consciência humana como autônoma, potencializada pelo afeto e pelo pensamento puro, sem a mediação da sensibilidade.

Portanto, a negação da sensibilidade é também a negação da natureza, pois, é através da natureza que a sensibilidade se torna perceptível. A aversão à natureza que possui o cristão, existe por mostrá-lo, violentamente, sua própria fragilidade e incapacidade de lidar com a força estranha e apavorante identificada nela.

Os milagres, ou seja, a intervenção de uma força oposta à natureza, demonstra a aversão como forma de proteção individual do cristão para com a natureza, para a materialidade, a sensibilidade. Segundo Feuerbach, o cristão acredita que a materialidade e a transitoriedade é o que provoca todo seu mal-estar e, portanto, desconsidera todas as outras circunstâncias nas quais está inserido por conta da promessa de possibilidade do milagre, bem como da possibilidade de vida eterna. A crença no milagre não passa de desejo da vontade subjetiva do cristão de ter para si aquilo que ele não consegue ter em realidade, pois, sua razão não permite aceitar determinados desejos e é exatamente a não aceitação da razão dos desejos mais profundos e fantasiosos que se torna objeto de fé.

A afetividade é a característica essencial do milagre. Sem dúvida o milagre provoca também uma impressão sublime, arrebatadora enquanto expressa um poder diante do qual nada fica de pé – o poder da fantasia. Mas esta impressão está apenas no ato passageiro do fazer – a impressão permanente, essencial é afetiva (Feuerbach, 2012, p. 146).

No cristianismo, o milagre é a objetivação da fé caracterizado pela alteração ou transformação imediata da natureza através da vontade empreendida pelo pedido (oração) a

Deus. A modificação das leis naturais, e até mesmo a inversão mágica dos objetos sensíveis como a ressurreição de mortos, transformação de água em vinho ou cura de cegos, todos estes acontecimentos imediatos realizados através dos poderes sobre e anti-humanos da divindade, demonstram a inconformidade do cristão com as forças da natureza e a tentativa humana de mudá-la através dos seus afetos e sentimentos, pois, à luz da razão e da própria natureza os exemplos dados seriam fenômenos improváveis de mudança, apenas possíveis através da imaginação e da fantasia.

Inúmeros males que o homem procurava antes evitar por meios religiosos, mas não pôde evitar, a atividade humana combateu ou suavizou através da aplicação de meios naturais. A religião é, pois, a essência infantil do homem. Ou, então, na religião o homem é uma criança. A criança não consegue realizar seus desejos pela própria força, por sua iniciativa própria, por isso volta-se com pedidos aos seres dos quais ela sabe e sente depender, a seus pais, para através deles conseguir o que quer (Feuerbach, 2012, p. 234).

É interessante destacar também que a aversão do cristão à natureza se trata, antes de tudo, da natureza enquanto transformação, transição, visto que ele se baseia ainda nas qualidades da natureza para criar seu paraíso *post mortem*. Um paraíso abstrato que nada mais é que a própria natureza, a Terra, mas destituída dos seus aspectos transitórios e passageiros, os quais são a causa do sofrimento humano, segundo a doutrina cristã.

Em termos gerais, o cristianismo é caracterizado como uma religião do espírito por tratar de um Deus subjetivo. Essa subjetividade divina nada mais é que o próprio humano na sua plena vontade de perfeição moral, humana. Tanto o nascimento (encarnação) de Cristo quanto sua ressurreição mostraram à humanidade o poder do sentimento e o poder dos afetos, visto que o amor pode tudo fazer, até mesmo modificar a natureza das coisas imediatamente, somente através da vontade subjetiva.

Feuerbach é indiscutivelmente um intérprete profundo daquilo que as religiões têm a revelar sobre o conteúdo humano nelas posto. Apesar de suas críticas ferrenhas ao cristianismo e as religiões naturais, busca acima de qualquer coisa deixar explícito o caráter enigmático por trás do sentimento religioso que leva os humanos a possuírem uma necessidade por este em sua perspectiva psicológica, concluindo-se que o sentimento de dependência da natureza e o medo, fez o humano inventar deuses à imagem de seu próprio sentimento e conhecimento rude acerca do mundo.

As religiões naturais, assim como as do espírito, pretendem afirmar os humanos. No entanto, o faz de forma patológica e alienante, visto as proposições de distanciamento entre o homem e a natureza, o mundo real e o sensível, defendidas pelas formas de religião.

A diferença entre uma e outra encontra-se apenas no objeto da adoração, visto que, ora se apresenta como o endeusamento da natureza, ora aparece como aversão à natureza e enaltecimento do espírito ou consciência humana. Ambas as formas de manifestação religiosa, nos conduz a pensar nos motivos reais pelos quais os seres humanos são dotados de experiência religiosa.

Assim, não acato a religião da natureza por ser ela uma autoridade externa mas somente porque encontro ainda hoje em mim mesmo os motivos determinativos dela, os motivos que fariam de mim ainda hoje um adorador da natureza, se o poder deles não se desvanecesse diante do poder da cultura, da ciência e da filosofia. Isto parece até mesmo arrogante, mas o que o homem não conhece por si mesmo ele simplesmente não conhece. Quem não sente por si e dentro de si por que os homens adoraram o sol, a lua, as plantas e os animais, este não está apto também para compreender o fato histórico do endeusamento da natureza, ainda que leia e escreva diversos livros sobre a religião da natureza (Feuerbach, 2012 p. 107-108).

4.3 Sentimento de dependência em Feuerbach: conceito e implicações

O sentimento de dependência, para Feuerbach, é a condição em que o ser humano se encontra quando percebe sua limitação e sua finitude. É a sensação de que a vida é efêmera e não há um propósito ou sentido último para a existência. A religião passou a ser utilizada como forma de lidar com esse sentimento do desconhecido e inexplicável, oferecendo a ilusão de vida eterna e um sentido divino para a existência, especialmente com o cristianismo.

O “sentimento de dependência” destacado por Feuerbach (2009, p. 95) é um sentimento clivado que apresenta dois tipos de sensações que florescem através dos sentidos: o prazer e o desprazer. É através da sensibilidade que o humano capta as sensações do mundo e as compreende, usando todo o seu corpo. A natureza é o primeiro contato que o ser humano possui com a realidade e é através dela que desenvolve sua consciência ou conhecimento acerca das sensações de bem e mal-estar.

A origem da religião está na dependência que os humanos sentem daquilo que é desconhecido, daquilo sobre o qual ainda não se tem consciência ou ciência sobre. Aquilo que o homem sente como sendo para si uma necessidade ou falta, é transformado em objeto divino, pois, só é divino aquilo que provoca prazer.

Somente é objeto da religião, da adoração, aquilo que é objeto dos desejos humanos, e só desejamos o bom, o útil e o benéfico. Os eruditos entre os pagãos clássicos, os gregos, definiram por isso como uma qualidade essencial e condição da divindade a bondade, o benefício, a filantropia. “Nenhum Deus”, diz Sócrates no *Teeteto* de Platão, “é mal-intencionado contra os homens”. “Que é nos deuses”, diz Sêneca em suas cartas, “o motivo de sua beneficência? Sua natureza. Loucura é a crença de que eles querem prejudicar; eles não o podem” (Feuerbach, 2009, p. 74).

A divinização do prazer é a sensação do gozo efetivado e finalizado. Assim, o homem toma para si aquilo que é bom e transforma em um objeto da religião, como divino, ou seja, um objeto dos sentidos. Nesse sentido, Feuerbach (2012, p. 25) explica que “sentido não é para mim nada mais que a unidade verdadeira, não pensada ou artificial, mas existente do material e do espiritual, significando, pois, para mim o mesmo que realidade.”

O que atinge e arrebatava os sentidos humanos se transforma em Deus, como pode ser visto nas religiões primitivas através dos trovões (captados através dos ouvidos) ou raios (dos olhos) bem como na necessidade de satisfazer os órgãos internos, como o estômago (fome), os pulmões (ar) e a própria consciência moral (felicidade). Os objetos da religiosidade são representados exclusivamente relacionando-se às necessidades que o homem possui. O homem toma para si como divino aquilo que o sacia, que surge como falta, admitindo o divino para o preenchimento de suas imperfeições ou limitações. Tão diversos sejam os desejos humanos, tão diversos são os seus deuses.

[...] esse poder divino e sobrenatural é exatamente o poder dos desejos e da imaginação humana. Em síntese, a essência da religião, a essência da divindade, só se revela na essência do desejo e da imaginação inseparavelmente relacionada com ele, porque é somente a imaginação que projeta o deus do racionalista, o Deus do pensador, que nada mais é que sua própria essência racional enquanto um ser que existe fora do pensamento (Feuerbach, 2009, p. 276).

Esse jogo de forças entre o sentimento de dependência e a natureza escancara para o homem sua vulnerabilidade diante daquilo que toma como objeto de prazer. O homem, diante do sentimento de impotência, por saber que nada pode fazer além de venerar a sua própria vulnerabilidade, aplaca-o através do uso da esperança, dando luz ao deus superlativo, à natureza primordialmente.

A religião seria, nesse sentido, o preenchimento de uma lacuna do conhecimento do homem acerca do mundo, ou seja, trata-se da ausência de conhecimento acerca de fenômenos, que, com o passar da história, são explicados pela ciência, tornando a explicação religiosa apenas uma dimensão artística. “Diante disso, resta o esforço, nos primórdios da humanidade, para se apropriar do desconhecido pelo conhecimento. Como? Por meio da reconstituição da origem do desconhecido, pois ao reconstituir sua gênese, sua seiva originária seria revelada e ele, assim, perderia o mistério” (Stepanha, 2020, p. 73).

O sentimento de dependência ao objeto fez com que o humano criasse uma dupla relação consigo próprio, pois, ao mesmo tempo em que a dependência demonstra a segurança da provisão, ela própria contém também seus limites e leis ocasionando, assim, desprazer no

homem, em momentos de necessidade. Dessa forma, o deus é a personificação do princípio de felicidade que o humano possui.

O homem crê em deuses não só porque ele possui fantasia e sentimentos, mas também porque ele tem o instinto de ser feliz. Ele crê num ser feliz não só porque tem uma ideia da felicidade, mas também porque ele também quer ser feliz; ele crê num ser perfeito porque ele próprio quer ser perfeito; ele crê num ser imortal porque ele próprio não quer morrer. [...] um deus é a ânsia de felicidade do homem satisfeita na fantasia. Se o homem não tivesse desejos, não teria religião nem deuses, apesar da fantasia e do sentimento (Feuerbach, 2009, p. 224-225).

Portanto, a fantasia e os sentimentos fazem com que o humano, através do seu desejo de felicidade, crie a natureza, sentida através do próprio corpo, como ente adorado, pois, é através dela que esse sentimento de estar bem e de ser feliz é provocado, alimentando a vida.

Assim, o sentimento de autoconservação, apresentado nas religiões naturais e no cristianismo, é o elemento fundante destas, visto a disposição material, sentimental e orgânica de todos os animais ao prazer e à preservação de si.

O desenvolvimento do conhecimento humano através do saber e da técnica possibilitaram-no condições para ser mais autônomo frente às incertezas da sua própria finitude que os obrigava a divinizar e idolatrar a própria entidade do medo para não sofrer dor e desprazer. Para Feuerbach (2009), no contato humano com um objeto de sua necessidade acontece a divinização. Os poderes fantásticos dos deuses ou ídolos estão sempre relacionados àquilo que mais faz falta, que provoca necessidade.

[...] o homem adora como Deus tudo aquilo de que ele sabe ou crê ser a sua vida dependente e exatamente por isso no objeto da adoração só se evidencia o valor que ele atribui a sua vida e a si mesmo em geral, que, conseqüentemente, a adoração de Deus depende da adoração do homem (Feuerbach, 2009, p. 64).

A adoração do homem que ocorre nas religiões, de forma inconsciente, é a adoração ou divinização de um ser ao qual ele atribui todas as causas de sua vida. A falta de reconhecimento da potencialidade humana no processo de construção da cultura, das relações sociais e das instituições, sejam elas psíquicas ou físicas, é elevado e transformado num Deus, que possui as mesmas qualidades humanas ou, pelo menos, das qualidades humanas como são recepcionadas através da sensibilidade.

A natureza é o deus primitivo, o objeto primitivo da religião; mas ela não é objeto para a religião como natureza, como um ser humano, um ser afetivo, um ser da fantasia, uma entidade do pensamento. O mistério da religião é a identidade do subjetivo e do objetivo, isto é, a unidade da essência humana e da natural, mas em oposição a essência real da natureza e da humanidade (Feuerbach, 2009, p. 352).

É a partir dessa perspectiva de prazer e desprazer que o ser humano olha para aquilo que lhe atualiza, torna sua vida potente e possível de ser realizada sem a dor. A dor

humana, frente aos acontecimentos naturais aos quais ele não possui nenhuma possibilidade de interferência, é o elemento fundante de todas as religiões.

É através da união dessas forças que o animam (prazer e desprazer), juntamente dos outros que faz sê-lo quem é, sua especificidade e sua generalidade, que o homem experimenta sua potencialidade de sensibilidade, pois, o humano experimenta subjetivamente aquilo que faz parte do gênero, mas à sua forma corporizada, individualizada. Assim, o querer ou a intenção humana é direcionada àquilo que excita seus sentidos, seus sentimentos.

4.4 Medo e sentimento de agradecimento nas religiões

O ser humano é um ser intencional e é através dessa intencionalidade que ele busca elementos que satisfaçam seus desejos e suas vontades procurando prazer, pois, prazer é ausência de necessidade, ausência de falta, “porque só o benefício, mas não a vantagem, me inspira sentimentos de gratidão, adoração e amor, e só esses sentimentos são religiosos por sua natureza e seus efeitos” (Feuerbach, 2009, p. 66-67).

O prazer ou o medo mediante as situações que o homem encontra frente à natureza é o que define a importância daquilo que ele qualifica positivo ou negativo para si “porque [aquilo que] reúne os homens em volta da lareira, aproxima o homem dos homens, em síntese, é uma entidade benéfica para o homem” (Feuerbach, 2009, p. 237). Esse sentimento pode ser compreendido como o da libertação do medo que outrora fora sentido por conta dos fenômenos naturais que ainda eram desconhecidos para a consciência, mas que trazia algum tipo de afeto.

A ambivalência do sentimento de medo e prazer para com o deus que, ao mesmo tempo em que lançava chuvas que destruíam também lançava as que faziam nascer a relva nos campos e abasteciam de água os rios, é a duplicidade que cria o sentimento de dependência do homem.

5 A POLÍTICA COMO ALTERNATIVA AO SENTIMENTO DE DESAMPARO EM FEUERBACH

5.1 A noção de política em Feuerbach

A política em Feuerbach é compreendida como a medida que mantém a promoção de um princípio que regula a felicidade comunitária, mas de forma que essa possua uma realidade efetiva. Nesse sentido, o pensamento político em Feuerbach pode ser descrito como a possibilidade de um exercício de incorporação ou encarnação na vivência comum, que esteja ligado ao princípio de felicidade, não somente de um indivíduo, mas de todos. Não se pode inferir, no entanto, que Feuerbach pretende defender a possibilidade de felicidade ilimitada, mas de uma felicidade que esteja em acordo com a condição humana de se relacionar e viver.

Uma análise breve das interpretações do problema político em Feuerbach nos permite identificar certas considerações especialmente pertinentes para a discussão do tema político em sua filosofia. As valiosas leituras destacadas por Serrão fornecem uma contribuição essencial para o desenvolvimento do tema da política na filosofia de Feuerbach como um todo, já que buscam identificar um conteúdo político que serve como elo articulador de seu pensamento.

Segundo Serrão (1999), quando Feuerbach se refere à política como a instância reguladora da felicidade universal é porque ela deve salvaguardar a universalidade dos direitos comuns a todos os seres humanos. A felicidade não pode ser considerada como algo relativo a cada ser humano em sua subjetividade, apesar de também possuir essa dimensão.

A felicidade, quando relativizada, pode levar a conflitos entre os grupos sociais, como também aos diferentes indivíduos, visto que, quando não se possui referência do que é ser feliz, ou quando unicamente o princípio de bem-estar individual é levado em consideração, dificilmente falar-se-á em político, uma vez que, cada um poderia fazer aquilo que bem entender e assim, acabar prejudicando os demais. Pois, não existe somente os egoísmos manifestados de forma individual, mas também diversas formas de conflito entre esses próprios egoísmos individuais.

Aquilo que Feuerbach defende em sua filosofia da sensibilidade está para além dos limites do corpo fisiológico e passa também para as relações morais, para as relações que são construídas entre os seres humanos. Assim, ele defende que a sensibilidade deve ser considerada também nos fenômenos sociais e também defende o combate àqueles que agredem o ser humano na sua compreensão totalizante, ou seja, enquanto um ser que participa e vive em

comunidade exigindo para si a satisfação das necessidades comuns à vida de todo e qualquer ser humano.

Esses elementos se fazem necessário para a construção de uma comunidade sólida, levando em consideração ainda, as desigualdades que são observadas “nas relações de trabalho, entre os seres humanos, a sub-humanidade da fome, da miséria e do sofrimento material, que não são só condições negativas, mas verdadeiros obstáculos à integralidade da vida e à dignidade humana” (Serrão, 1999, p. 347).

Nesse sentido, Feuerbach compreende que o homem só pode prosperar quando há condições para a existência humana, visto que precede de circunstâncias e/ou ambientes que preencham as qualidades de ser humano, antes dele ser homem.

Além do desenvolvimento de uma crítica à religião, Feuerbach também revela através sua filosofia, especialmente quando se debruça sobre a categoria da *Sinnlichkeit*, que o homem só pode exercer sua possibilidade material, social, individual, religiosa e econômica, ou seja, ser um humano integral, com a existência de um corpo, pois, “sem os sentidos a palavra humana não tem sentido” (Feuerbach, 2012, p. 41).

A existência do corpo em Feuerbach não parece indicar a possibilidade de seu desenvolvimento sob qualquer circunstância, ao contrário do que admite o cristianismo quando fala a respeito da imortalidade e imaterialidade da alma, o filósofo inclui o agir e o existir como condições prerrogativas à existência.

Como forma de recorrer à justiça social, Feuerbach faz apelo ao conceito de homem que está integrado à sensibilidade corporal, no qual as necessidades do corpo e as circunstâncias materiais para existência desse já se encontram subentendidas.

Nesse sentido, em relação a filosofia do homem integral, na qual homem-sensibilidade estão interconectadas através da sua filosofia antropológica, Feuerbach estende sua perspectiva e defesa do homem também ao Direito, visto que, busca a representação do direito de todos os homens como forma de defesa do instinto de autoconservação dos seres humanos. É importante destacar que a defesa feuerbachiana não se encontra somente sob a forma de interesse ao Direito comum, ao interesse de todos, mas em consideração à defesa dos direitos básicos de qualquer ser humano.

O homem é, por essência, comunitário. A forma que Feuerbach desenvolve a noção de homem integral, a totalidade, deve abranger as ideias de individualidade, indivisibilidade e unidade. O homem integral representa a capacidade de percepção de si como indivíduo e, através de sua condição própria, como ser racional, como parte do todo, como membro de uma unidade de múltiplos. A tentativa do filósofo [Feuerbach] é a de não se reduzir a um individualismo exagerado, como o faz Stirner,

ou a um universalismo vazio, expressado pelos idealistas modernos (Lopes, 2014, p. 221).

Mas quais são os direitos básicos que os homens devem possuir? Parece estranho se perguntar ainda hoje quais são esses direitos, pois, subentende-se, levando em consideração a constituição dos países e o nosso nível de desenvolvimento científico e intelectual, que todos os povos têm direito a moradia, água potável, escolas, hospitais e outras instituições que promovem o bem-estar coletivo.

Aqui o conceito de felicidade não é tratado de forma individualizante e mesmo quando o filósofo tenta buscar a gênese de um sentimento coletivo, não deve ser entendido que a vontade da maioria, quando prejudica o próprio princípio de felicidade, deve ser validada.

Serrão (1999, p. 346) afirma que “se a constatação fática dos conflitos não é suficiente para afectar (*sic*) a validade transcendental do princípio de felicidade, é-o enquanto prejudica a concretização da vida ética”. Nesse sentido, se a má organização política não possui força necessária para regular o que os homens entendem como princípio de felicidade, a ausência de política pode ser importante, na medida em que se percebe que ela não funciona, e que as necessidades são todas expostas, aparecendo, assim, todas as mazelas desveladas pela ordem do desamparo. Em linhas gerais, se a política não pode ser observada enquanto uma necessidade humana, pode ser vista em seu oposto, e na necessidade.

Quem se abandona à plenipotência divina, quem crê que tudo o que acontece e existe acontece e existe pela vontade de Deus, este nunca irá meditar sobre os meios de se acabarem os males do mundo, nem os males naturais enquanto sanáveis (porque contra a morte não há remédio possível), nem os males da vida social (Feuerbach, 2012, p. 191).

Dentro da ordem política compreende-se também, de forma subjacente, a ordem jurídica, que por sua vez se estende como defesa antropológica feuerbachiana. A circunscrição do excesso dos egoísmos individuais e a advertência a respeito do que pode surgir através da luta pela vida e do desejo de autoconservação sem as devidas restrições, faz com que o Direito acabe assumindo o papel de ajustar os interesses desmedidos que nascem entre os indivíduos, e a política assumira os conflitos entre os grupos. Em última instância, a esfera global da política e do Direito em Feuerbach estão encerradas “nas funções de regulamentação restritiva, de legislação positiva e de representatividade geral” (Serrão, 1999, p. 347).

Retomando os exemplos que Feuerbach utilizou para destacar a função da felicidade nos seres humanos, que a busca através da religião e sempre em atrás de satisfação, percebemos que eles não se encontram somente sobre os aspectos sensitivos do corpo, como também estão erguidos sobre a moral.

A moral, apesar de estar intrinsecamente ligada ao corpo, passa a ser uma extensão do corpo individual através da formação da sociedade, onde funda-se o egoísmo dos indivíduos, resultando na formação da cultura. O egoísmo precede a felicidade na medida em que o homem somente quer para si o que considera bom, egoísmo não somente estrito de um particularismo, mas também no querer-bem a seus entes queridos, seus amigos, familiares e até mesmo a pátria.

Feuerbach recusa o egoísmo vulgar¹² que tem como meta apenas a preservação do eu solipsista, solitário, mas o defende na medida em que sabe que a autoconservação do Eu está predominantemente ligada também ao Tu, visto que, o homem só é bom socialmente quando sabe que o limite da sua liberdade, vontade e felicidade está também pautada no direito do outro de ser feliz, da mesma forma que o Direito do outro de ser feliz circunscreve também o próprio direito de ser feliz. A máxima popular *O direito do outro começa quando o meu termina* poderia, e aqui me arrisco em fazer uma leitura feuerbachiana, ser apresentada na seguinte forma: *O direito do outro começa quando o meu começa.*

certamente não só aquele egoísmo restrito, o único ao qual aplicamos esse nome habitualmente, que é apenas um tipo de egoísmo, não obstante o mais vulgar, e sim o egoísmo que compreende em si tantas espécies quantas existem no ser humano, porque não existe somente um egoísmo singular ou individual, mas também um social, um egoísmo familiar, um egoísmo de corporação, um egoísmo de comunidade, um egoísmo patriótico. Sem dúvida é o egoísmo a causa de todos os males, mas também de todos os bens, pois quem a não ser o egoísmo criou a agricultura, o comércio, as artes e as ciências? (Feuerbach, 2012, p. 337).

Assim, é dentro de sua filosofia antropológica que Feuerbach busca encontrar os limites e traçar as fronteiras das instâncias que regulam a vida do homem em comunidade. Feuerbach entende que o Direito deve estar subordinado à própria antropologia, visto esta ser o campo que trata diretamente do ser humano nas suas relações e está embutida dentro da própria compreensão do Direito. Dessa forma, o filósofo o toma esse para conciliar as relações humanas, para acompanhar o significado original de humano enquanto ser integral.

As leis, pelo menos em uma compreensão inicial, não devem estar baseadas na concepção de um homem genérico, imaginado pelos princípios de igualdade e isonomia somente de forma geral, mas compreendidas também à própria individualidade dos homens, pois, uma lei que não está disposta a pensar nas relações humanas de forma singular não

¹² Cf. (Feuerbach, 2012, p. 65-66) [...] quando emprego a palavra egoísmo no significado de um princípio filosófico ou universal, entendo aí não o egoísmo no sentido vulgar da palavra, como alguém que tenha um pouco de espírito crítico pode perceber na coerência e no contraste em que uso a palavra egoísmo [...]. [...] Entendo por egoísmo o egoísmo necessário, imprescindível, que, como foi dito, não é o moral mas o metafísico, isto é, fundado na essência do homem sem seu saber e querer, o egoísmo sem o qual o homem não pode viver; porque para viver devo apropriar-me constantemente do que me é conveniente e evitar o que me agride e me é nocivo, o egoísmo pois que está no organismo, na posse do material assimilável e na recusa do não-assimilável [...]

consegue apreender a realidade das relações dos homens. Nesse sentido, deve-se antes de qualquer coisa, observar e visar o ser humano em seus aspectos sensíveis e entendê-lo como um ser que possui vontade, amor e conhecimento dentro dos limites de sua própria corporeidade.

O Direito deve ser compreendido como uma instância apta a regular as relações sociais na medida em que a existência humana exija a garantia das mesmas e não deve ser entendido como algo absoluto, mas subordinado às necessidades dos homens através da “institucionalização de uma aspiração (*Mögen*) num dever (*Sollen*), a transformação em lei imperativa da representação do possível (Serrão, 1999, p. 348). Nesse sentido, o imperativo que ordena os homens a não matar deixa apenas claro e fixado a vontade de que a vida não pode ser violada e que não pode ser maior que essa própria aspiração que, ao ser caracterizada e distinta com um fundamento básico da própria vida social em comunidade.

Assim, a formação da moral deve se estabelecer a partir de uma base antropológica humanista que seja concreta, visando não incorrer em riscos ou desvios morais sem impacto sobre a comunidade. Feuerbach estabelece assim, a partir de sua antropologia, as bases para um humanismo que presa a constituição do homem sem apoiar-se nas contradições da teologia que, ao visar o ser humano, acaba recaindo sobre a deificação. Os deuses não necessariamente precisam ser aqueles que se encontram no céu, pois, são criados tendo os seres humanos como modelo.

A meta de minhas obras assim como de minhas preleções é: tornar os homens de teólogos, antropólogos, de teófilos, filantropos, de candidatos do além, estudantes do aquém, de servos religiosos e políticos da monarquia e da aristocracia terrestre e celeste, cidadãos da terra, livres e conscientes. Minha meta não é então negativa mas positiva, nego apenas para afirmar; nego apenas a aparência fantástica da teologia e da religião, para afirmar a essência real do homem (Feuerbach, 2009, p. 36).

A partir do momento em que o Direito e a moral passam a fundamentar-se em algo contido no além e não no aquém, a dignidade da pessoa e o humanismo, enquanto vertente antropológica, acabam perdendo seu sentido de ser, pois são relegados e rebaixados a níveis nos quais seus próprios valores essenciais, a saber, o próprio homem, aparenta não ter substância própria. No entanto, quando é admitida a possibilidade do humanismo a partir de valores que são essencialmente do próprio ser humano e esses valores são considerados intrínsecos, a pluralidade e a diversidade da humanidade serão garantidas para serem colocadas de forma concreta e sensível, algo que é inerente ao próprio ser humano.

Nesse sentido, ao estabelecer na antropologia o fundamento de todas as relações humanas, será balizada a possibilidade de transferir para outras entidades, sejam elas homens

idealizados ou o próprio conceito de Deus como um ser extracorpóreo, a relativização do próprio Direito, da moral, e da ética.

O além, de uma forma mágica pode designar que determinados grupos ou segmentos tenham mais relevância do que outros, como pode também, estabelecer a eliminação de outros seres humanos que não possuam determinadas características e, com isso, abolir a possibilidade das diferenças, bem como a infinitude de possibilidades de concretização das individualidades humanas (Stepanha, 2020, p. 88).

A perspectiva de um além-mundo em contraposição a um mundo real transforma a vida humana, que deveria ser a luta por uma vida puramente terrena e sensível, em uma vida que está direcionada além da sensibilidade e pautada apenas no futuro que se encontra num mundo completamente externo e oposto ao humano. As consequências disso são desastrosas, visto que, quando o homem está voltado para as preocupações celestes, esquece-se de si próprio e conseqüentemente dos outros seres humanos que constituem sua comunidade aqui na terra.

A certeza de um além vida retira toda e qualquer ação política para o melhoramento na vivência comunitária, uma vez que transforma as dores e angústias, que são ocasionadas pelos próprios homens, na possibilidade de alcançar a graça da vida eterna. Assim, há uma penhora do desejo de ser feliz, que deveria ser desenvolvido aqui, no aquém e não no além, mas que é utilizada como justificava para os sofrimentos na terra.

Porque, quando o homem abre seus olhos e encara a realidade como ela é, sem se ofuscar com concepções religiosas, então o coração se revolta contra a idéia de uma providência, por causa do partidarismo com o qual ela salva uns e deixa sucumbirem os outros, determina uns à felicidade e à fortuna e outros à infelicidade e à miséria, por causa de sua crueldade ou pelo menos inação com a qual submete milhões de homens aos mais terríveis sofrimentos e martírios. Quem pode conciliar os terrores do despotismo, da hierarquia, da crença e da superstição religiosa, da justiça criminal pagã e cristã, os terrores da natureza, assim como a peste ou a cólera, com uma providência divina? (Feuerbach, 2012, p. 231-232).

A partir do momento em que as questões terrenas estão externas às próprias questões da humanidade aquilo que é a base da antropologia, ou seja, o intrinsecamente humano, acaba por perder o sentido. A política circunscrita na filosofia feuerbachiana, não diz respeito exatamente a uma forma de governo que deve agir desta ou daquela forma, mas sim, feita através dos seres humanos que sofrem com os descuidos do Estado, que hoje parece estar completamente desvinculado das questões sociais, e aqui trato social como todas as questões humanas que ocorrem no espaço em que os homens se relacionam mutuamente, onde o princípio de felicidade comum está em jogo.

Serrão (1999) destaca que a noção de Estado delineada por Feuerbach encontra-se próxima de sua concepção de Natureza. Assim, o Estado precisa reproduzir o modelo da Natureza, pelo menos em sua dimensão metafórica de cuidado com a vida ou daquele que

auxilia a vida a dar continuidade através do sentido de república, já análoga à política. Portanto, deve-se existir uma comunidade que tem como foco a diferença, a individualidade e a dependência recíproca, como ocorre no sistema republicano.

A natureza não tem princípio nem fim. Tudo nela está em transformação, tudo é relativo, tudo é ao mesmo tempo causa e efeito, tudo é geral e particular; ela não acaba num ápice monárquico; é uma república. Quem está habituado somente com o regime hierárquico não pode certamente imaginar um Estado, uma comunidade de homens sem príncipes; igualmente não pode imaginar uma natureza sem Deus quem desde criança está habituado com essa concepção. Mas a natureza não é menos concebível sem Deus, um ser extra e sobrenatural, que o Estado ou o povo sem um ídolo monárquico que é exterior e acima do povo. Sim, assim como a república é o dever histórico, a finalidade prática da humanidade, deve a meta teórica do homem, a constituição da natureza, ser reconhecida como republicana, e o regime da natureza não deve ser transportado para fora dela mas deve ser buscado em sua própria essência (Feuerbach, 2012, p. 119).

Este modelo político é sugerido em Feuerbach com base na organicidade do próprio ser humano, que depende não somente de palavras ditas ou livros escritos, mas também da própria natureza enquanto supressora de suas necessidades. A forma como nos relacionamos se modifica e o crescimento da humanidade e sua sucessão temporal nos indica que, apesar de os seres humanos terem abandonado a natureza em sua forma bruta, levaram sua dependência para outro lugar, qual seja, para a própria cultura, que é constituída de outros humanos.

A teoria feuerbachiana do Estado desenha a ideia de uma sociedade integral segundo o modelo republicano, baseada na integração social que evite tanto o individualismo como o anonimato e permita o desenvolvimento da individualidade do humano no seio da comunidade (Serrão, 1999, p. 350).

O mundo político tornou-se um Deus terreno que, da mesma forma que o Deus celeste, nunca ouviu os lamentos e choros dos seres humanos. O Deus terreno chamado Estado, pareceu adquirir a forma do Deus celeste. “O triunfo de nossa formação, de nossa cultura consistiu em grande parte somente no maior afastamento possível da natureza, o triunfo de nossa natureza, o triunfo de nossa ciência, de nossa erudição consistiu no maior afastamento da verdade simples e palpável” (Feuerbach, 2009, p. 121-122). O processo de transição do pensamento religioso para o científico, que claramente não foi homogêneo, mas ocorreu, fez com que acreditássemos que fosse possível sanar todas as dificuldades que angustiam, adoecem e matam os seres humanos em seu sentido material ou se tornasse-se quase inexistente, mas, não foi o que ocorreu.

Desse modo, apesar de Feuerbach não fazer um delineamento claro e específico acerca da noção de política é possível identificar elementos que trazem à baila informações suficientes para tratarmos sobre esse tema. Temas como a importância da sensibilidade, da corporeidade, da natureza e da comunidade, como critérios primevos para a existência humana integral, nos

remetem à afirmação da existência de um sistema que integra os seres humanos como possuidores de necessidades naturais do corpo e este de satisfações biológicas.

Apesar de não se ater somente às necessidades biológicas, por conta de o homem também ser um ser moral que necessita de amor, felicidade e liberdade, parece que Feuerbach coloca em primeiro plano a satisfação das necessidades do corpo físico.

Além disso, pode-se inferir que, quando Feuerbach diz que o humano integral existe apenas se as necessidades do corpo são suprimidas, ele pressupõe o homem enquanto ser provido de felicidade e liberdade, pois, sem as carências do corpo supridas é impossível haver felicidade e onde não há felicidade também não há liberdade e muito menos política.

Abandonar, então, os valores paradigmáticos tão estimados pela velha filosofia parece ser uma boa oportunidade de criar um novo movimento que esteja pautado exclusivamente nas necessidades físicas e morais humanas, em que a sensibilidade não esteja relegada a um plano extracorpóreo, o que Feuerbach vem a denominar de *Nova Filosofia*, de onde emergem os elementos para a construção de uma *Nova Política*.

5.2 A nova política como alternativa ao sentimento de desamparo

Na avaliação da religião cristã, Feuerbach identifica uma oportunidade para expor a negligência das relações interpessoais em favor da devoção divina, permitindo-lhe, assim, criticar a desconexão entre os indivíduos na comunidade política em troca de uma ligação celestial. No entanto, em vez de afirmar que a crítica da religião resulta em uma crítica política, aqui se propõe uma abordagem distinta: a própria crítica à religião cristã constitui, em si, uma crítica de natureza política.

Assim, podemos observar que o mesmo processo empreendido no capítulo anterior deve ser retomado neste momento: se antes buscamos demonstrar que a crítica religiosa é, essencialmente, uma crítica ética da religião, agora afirmamos que essa mesma crítica religiosa também abarca uma dimensão política.

Ao retomar os elementos do paganismo que evidenciam a existência compartilhada dos seres humanos, torna-se imprescindível considerar que Feuerbach ressalta a necessidade de estabelecer uma política renovada, contrastando com a política ilusória e aparente promovida pela religião cristã, que exerce um impacto prejudicial sobre o mundo humano.

Nessa nova forma de governança, é fundamental recuperar o conceito de vida autêntica que não deve ser compreendido como algo abstrato e sobrenatural. O conceito de comunidade, presente em diversas passagens das *Preleções*, *Princípios* e *Necessidade da Reforma*, e

especialmente enfatizado nos escritos mais maduros de Feuerbach, é agora abordado também como um conceito político, englobando as categorias essenciais para reavaliar a união coletiva dos seres humanos. “[...] a nova filosofia reconhece a verdade da sensibilidade com alegria, com consciência: é a filosofia sinceramente sensível” (Feuerbach, 1988, p. 82).

De acordo com Lima Filho (2020), a teoria feuerbachiana da comunidade humana é essencialmente caracterizada pela valorização da compreensão da dupla determinação sobre a vida dos seres humanos, isto é, sua base natural, da qual o indivíduo não pode escapar, juntamente com a referência ao outro dentro de si mesmo. Com base nesse segundo aspecto fundamental da existência humana surge a conclusão de que não é possível explorar adequadamente o tema sem considerar uma espécie de "teoria do reconhecimento", com a qual Feuerbach se associa repetidamente.

Nesse sentido, cito Lopes, que nos indica a possibilidade do desenvolvimento de uma teoria do reconhecimento do outro como base para a sustentação da nova política enquanto alternativa para consolar o desamparo humano experienciado através da ausência de uma política verdadeiramente sensível que atue sobre o homem em seu sentido total:

A única forma de relação verdadeira entre os indivíduos se dá na associação, que é a expressão da união de vontades próprias que buscam a satisfação de seus interesses e nunca se portam como guardiões do conjunto. Quando o indivíduo começa, numa associação, a defender o coletivo e a se sacrificar pelo geral, então tem origem a passagem para a sociedade (Lopes, 2014, p. 214).

Portanto, há a defesa completa de uma teoria do sujeito que é inseparável da teoria de comunidade humana, uma que encontra na "verdadeira vida" e no egoísmo social sua fonte e realização. Nessa teoria, a comunidade humana se sustenta como um meio de aprimorar o indivíduo e satisfazer as necessidades inerentes à natureza humana.

Dentro desse contexto, destaca-se a importância das relações do humano concreto, que podem ser manifestadas através dos vínculos sentimentais de conservação da felicidade. Esta é baseada principalmente na reciprocidade, ao mesmo tempo em que está relacionada à capacidade deliberativa dos seres humanos para agir através de suas próprias vontades. “O ideal político é ilustrado através do exemplo da natureza, que é “uma república, um resultado de entes ou forças que se exigem e produzem reciprocamente, que cooperam juntos, mas têm direitos iguais” (Tomasoni, 2022, p. 89).

O sentimento de desamparo humano frente às necessidades básicas naturais só é capaz de ser sanado através da formação de uma nova política pautada na Nova Filosofia. A Nova Política, entendida como a ação mediadora das relações públicas e sociais das necessidades da comunidade, deve ter como meta os interesses gerais e individuais, na medida em que, nem os

interesses gerais estejam contra o indivíduo, nem os interesses do indivíduo estejam em desacordo com o interesse geral. Aqui, “desacordo” refere-se não à questão da opinião pública, mas sim, dos comportamentos que são explicitamente ruins para a humanidade. A nova política deve também, antes de qualquer coisa, proteger as individualidades e conciliar as diferenças existentes entre as vontades. Assim, o desenvolvimento da comunidade apenas pode se dar através do pensar político que esteja direcionado ao bem-estar coletivo e individual, de forma que o egoísmo do Eu apenas se potencializa quando a vontade do indivíduo está de acordo com a vontade coletiva.

Na concepção de um Estado dos indivíduos e ao serviço do desabrochar do indivíduo social na sociedade, o antropológico mantém ainda em toda a extensão o primado sobre o jurídico e o político. O universalismo humanista não vista a unidade dos Estados, nem a unidade dos povos, mas a unidade dos homens (Serrão, 1999, p. 352).

Segundo Tomasoni (2022) não podemos recepcionar em Feuerbach a ideia de uma política feita apenas por alguns, mas sim por todos, à medida em que o interesse de ter as necessidades básicas satisfeitas, para se tornar um homem concreto, é algo comum a toda a humanidade, desejo ainda maior aos que sequer possuem a garantia do mais substancial como alimento, água e moradia.

Assim, o sentimento de desamparo humano pauta-se sobre a falta de perspectiva das instituições políticas que, por não estarem a par das necessidades do povo, o faz padecer e sentir esta ausência, não somente em seu psiquismo como também em sua pele.

A ausência de participação do povo nas decisões públicas e na política não é algo feito por vontade deliberada, mas o seu oposto, ou seja, a ausência de educação, cultura e de tudo aquilo que sustenta o corpo do homem sobre os seus pés, tornando-o fraco e incapaz do dom da palavra e da escuta, afastando-o das questões políticas. Pois, se os homens não possuem as suas necessidades básicas supridas, logo não terão condições corporais (fisiológicas) nem cognitivas, já que o alimento não serve somente para o estômago, como também para o cérebro, possibilitando a tomada razoável de decisões sobre o que é melhor para a comunidade.

Quando o homem perde todas as suas possibilidades de ser quem é, de ser atualizado e de ser potência, perde também sua vida, e o sentimento de desamparo se instala. Vida não é somente o funcionamento do corpo, apesar de o corpo ser critério primário para sua realização, é também a realização das atividades que desenvolvem as potencialidades tais como a arte, os jogos e a erudição.

Quando o homem perde todas as possibilidades de inovação enquanto ser moral e psíquico, também perde o interesse pela vida, afinal, como podemos chamar de vida as

condições que são avessas à possibilidade do existir? Como podemos cunhar de vida uma existência sem alimento, saúde, educação e socialização?

“A vida não é o melhor dos bens”, é a vida tomada aqui num sentido limitado, subordinado, aí encontra-se o homem no estado de desgraça, de desespero, não no estado normal da vida, aí certamente repudia e despreza a vida, mas só a despreza porque para a sua vida faltam as qualidades e os bens que fazem parte da vida normal, porque não é mais uma vida. Assim, quando, por exemplo, um homem perde a liberdade, quando é escravo da arbitrariedade alheia, então pode e deve desprezar esta vida, mas somente porque esta vida é uma vida falha, nula, uma vida que não possui a condição mais essencial - e característica da vida humana, o movimento e a determinação segundo a própria vontade. Aqui se explica também o suicídio. O suicida não tira sua própria vida; ela já lhe foi tirada. Por isso ele se mata; destrói apenas uma ilusão; joga fora somente uma casca cujo cerne, seja por sua culpa ou não, já está há muito apodrecido. Mas, no estado normal de saúde e quando sob o conceito de vida se entende o conteúdo de todos os bens essenciais para o homem, é a vida, e com plena razão, o mais precioso bem, a mais elevada essência do homem. (Feuerbach, 2009, p. 68).

Assim, a ideia do fazer política está intrinsicamente ligada ao estômago, como também ao coração, ou seja, tanto às necessidades biológicas quanto às necessidades sentimentais ou morais.

Ao contrário do que defende o cristianismo, que coloca as necessidades básicas abaixo do amor, ou até as suprime, Feuerbach defende a impossibilidade da existência do homem virtuoso sem as condições necessárias para isso, incluindo o amor.

O sentimento de desamparo é fundamentado sobre a impossibilidade do ‘fazer política’ que está intrinsicamente ligado à observância do próprio Estado sobre aquelas pessoas que não tem em seu estômago alimento algum e pouca ou nenhuma intelectualidade e pensamento crítico em seu cérebro.

Sensibilidade e felicidade não apenas aparecem como fundamento do homem, mas também se transformam em objeto de desejo da vida moral. A verdadeira moral reconhece sua base e afirma a natureza humana, afirma a vida e o indivíduo, assim como afirma os princípios do bem viver na vida em comunidade (Lopes, 2014, p. 19).

A noção de comunidade, à qual Feuerbach se refere ao ressaltar a importância de sua restauração, se desenvolve, assim, a partir da rejeição e crítica da comunidade religiosa falsa, abstrata e irreal, que é contraditória à comunidade real e concreta dos indivíduos que, por sua vez, incorpora a verdade da natureza e das relações interpessoais.

Dessa forma, seguindo a trilha da crítica ao cristianismo, que é o ponto central de sua obra *Preleções*, Feuerbach reconhece a necessidade de uma reconfiguração do convívio humano. Isso porque a religião cristã separa as pessoas com base na exclusividade da fé e no egoísmo vulgar característico de seu monoteísmo, que tem como pretensão a salvação restrita com base nos interesses apenas individuais. Assim, “o indivíduo é ligado, no seu ser mais

profundo, aos outros. Além disso, ele encontra na sua estrutura ontológica o fundamento da moral, do amor. Ele não é o criador absoluto dos valores morais (Tomasoni, 2015, p. 115).

O reconhecimento do caráter individual e coletivo do ser humano corporizado rendeu a Feuerbach o rótulo de antropocentrismo, desde a publicação dos *Pensamentos*, em que ele liga o indivíduo ao tempo, como forma exclusiva de ser e agir. Não somente na obra citada anteriormente, como também, por exemplo, *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach sofreu inúmeras críticas de Bauer e Stirner dizendo que o filósofo de Landshut havia recaído no misticismo por não tratar a respeito de um homem real, mas de um homem geral.

Feuerbach responde as críticas posteriormente em suas obras e retoma aquilo que ele não poderia ter deixado de lado nas suas exposições de juventude: a questão da sensibilidade. Quando se fala em sensibilidade em Feuerbach, não se compreende somente as sensações corporais, por mais que estas estejam vinculadas diretamente ao processo do sentimento psíquico. As noções de prazer e amor estão intimamente ligadas à sensibilidade humana.

Quem ama um Deus não pode mais amar nenhum homem; esse perdeu a sensibilidade para o que é humano; mas também vice-versa: quem ama o homem verdadeiramente e de coração não consegue mais amar nenhum Deus, esse não consegue mais deixar seu sangue humano quente se evaporar no espaço vazio, em vão, na infinitude de um nada e de uma irrealdade.! (Feuerbach, 2009, p. 331).

A superação da sensibilidade grossa não quer dizer necessariamente que para compreender o amor Feuerbach abandona ou deixa de lado a sensibilidade corporal, mas no sentido de a sensibilidade ser superada por deixar de ser individualizante, enjaulada num único corpo, transformando-se em possibilidade de extensão do homem estritamente indivíduo para o homem coletivo. Dessa forma, Feuerbach passou a reconhecer que o indivíduo exclusivo, solipsista, que não coloca a própria causa como causa da humanidade e da comunidade e que não reconhece autoridade alguma sobre si mesmo, poderia ser equiparado a um Deus.

A nova política tem como base, então, a expansão do caráter individualizante do homem e propõe, assim, as bases para o crescimento e extensão do homem individualizado a partir da própria noção de amor que, ao ultrapassar as barreiras do puro individualismo, une os homens e os faz crescer enquanto comunidade. Dessa forma, é somente através do sentimento que os homens podem se atualizar e transformar a própria forma de viver em sociedade.

O amor da fé é contraditório em sua base, está impregnado pelo seu antípoda que é o ódio da própria fé. O amor inclui, a fé exclui. A fé só pretende ser inclusiva se for possível acalentar no próprio seio amor e ódio e, para isso, apresenta suas escaramuças de ódio como gestos de amor. Até a perseguição passa a ser vista como um ato de amor. A tortura do herege e a lenta carbonização de suas carnes vivas que pulsam sob as brasas da inquisição são um gesto de amor, afinal, o fogo purifica e aquela alma, presa naquele corpo perverso, precisa ser purificada (Stepanha, 2020, p. 90).

O sentimento de desamparo e o seu possível remédio são unicamente possibilitados através do amor por si mesmo e pela humanidade, e aqui deve ser entendido não o amor religioso, que já há muito é pregado pelos cristãos, mas o amor humano, que pode ser verificado através da ação enquanto boa não somente para o indivíduo como também para toda a humanidade e conectado com a sensibilidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou evidenciar como a religião, especialmente a cristã, pode contribuir para a manutenção das contradições políticas que existem na sociedade. Nossa investigação teve início na compreensão do contexto político-religioso de Feuerbach e o desenvolvimento de suas obras, bem como de sua biografia. Seus escritos, bastante críticos e contundentes em relação às religiões que dominavam todo o país e, segundo ele próprio, contaminavam todas as relações sociais, resultaram em graves consequências para sua vida, tanto profissional quanto pessoal. Por estar inserido em um contexto de transformações filosóficas e culturais em que o pensamento metafísico ainda tinha grande influência, Feuerbach perdeu sua cátedra após a publicação de um livro e ainda foi obrigado a se retirar para o campo, devido a problemas financeiros.

O problema da relação entre política e religião já aparecia explicitamente em sua obra *A Essência do Cristianismo*. Nesta obra, Feuerbach tratou exclusivamente sobre o homem e apresentou sua antropologia, focada em desmistificar o cristianismo e expor suas duas faces: a verdadeira e a falsa. O cristianismo não é somente uma religião que aliena o homem, mas trata exclusivamente dele, no entanto, o faz de forma distorcida, pois é uma religião especialmente subjetiva, guiada somente pela vontade do ser humano de ser feliz, onipotente e imortal, mas em um outro plano.

Nas *Preleções sobre a Essência da Religião*, Feuerbach retoma sua crítica ao cristianismo, assim como a outras religiões, e coloca no centro de sua filosofia a sensibilidade como critério primordial para o desenvolvimento da felicidade, que só pode ser alcançada quando o homem vive em conjunto. Apesar das acusações de antropocentrismo, Feuerbach jamais defendeu a existência de um homem isolado ou único, mas sim o concebeu como um ser comunitário que não existe sem a interação com outros seres humanos. Nesse sentido, a defesa da política encontra-se subjacente no pensamento feuerbachiano, visto que ele ataca as religiões com o principal objetivo de reafirmar o homem em sua condição sensível.

Feuerbach trabalhou o conceito de sentimento de dependência tanto em *A Essência do Cristianismo* quanto nas *Preleções*. Ao tratar desse problema, Feuerbach defende que o ser humano é um ser que possui uma dependência exclusiva da natureza. Nas religiões primitivas, ou religiões naturais, o ser humano acabou "inventando" suas religiões de acordo com suas necessidades. Assim, os deuses da natureza representavam nada mais do que as necessidades que os homens, ainda em sua fase de rudeza e ausência de ciência, entendiam os acontecimentos da natureza como formas de manifestação divina. Esses seres divinos pautavam-se

exclusivamente nos sentimentos de prazer ou desprazer dos seres humanos; o que era prazeroso era divino, e o que não era prazeroso poderia ser identificado como um alerta sobre a ira ou desgosto da entidade em relação aos comportamentos dos seres humanos.

Com o agrupamento dos homens em grandes cidades, que antes eram nômades caçadores-coletores, os seres humanos passaram a experimentar outro tipo de necessidade que não mais aquela sentida anteriormente. A necessidade de códigos de conduta, organização do trabalho e divisão dos sexos ocasionou uma ainda maior dependência de deuses mais humanizados, como ocorre no caso dos gregos, que, apesar de serem dotados de forças que atuam sobre a natureza, possuíam também desejos e formas corporais humanas.

As grandes cidades remodelaram o formato com o qual os homens relacionavam-se com a religião. A dependência de Deus passou a ter agora outro tipo de dependência, a necessidade de outros homens. A instituição do Estado como regulador das relações sociais obrigou os seres humanos a colocarem nas mãos de outros a responsabilidade por cuidar e suprir as necessidades humanas que, anteriormente, eram creditadas a Deus. O sentimento de desamparo surge quando os homens no poder, sejam eles escolhidos de forma democrática ou não, descuidam-se dos outros seres humanos que dependem da natureza para sobreviver. A diferença, nesse caso, é que, diferentemente das religiões naturais nas quais os homens dependiam uns dos outros e da natureza e ainda tinham condições de agir de forma direta sobre ela, a criação das grandes cidades trouxe a impossibilidade para as pessoas colherem seus próprios grãos e cavar seus próprios poços para satisfazer, pelo menos, suas necessidades básicas.

O cristianismo nasceu, então, como uma proposta boa, mas falha, de tentar reconstituir o principal vínculo existente entre os seres humanos e, talvez o único, que poderia salvá-los de uma pior miséria: a sensibilidade. No cristianismo, a sensibilidade é entendida como uma mazela que ocasiona a dor humana, no entanto, a falta de consciência sobre a real causa das mazelas que afligem os homens não é realmente apreciada, e defendemos que a falta de uma política seja a verdadeira causa. O cristianismo auxilia o processo de dominação na medida em que é defendido, não necessariamente pelo próprio Cristo, mas por aqueles que falam em seu nome, afirmando que o além-morte é uma possibilidade de redenção das desgraças aqui sofridas e que um dia elas serão recompensadas. A Igreja Católica serve como a mantenedora do sentimento de desamparo, pois além de incentivar a inércia das pessoas, promete recompensas futuras.

Feuerbach, então, propõe uma nova forma de encarar a existência através da atuação política. Ele defende um modelo republicano baseado na própria natureza como formato político de desenvolvimento da comunidade. Feuerbach acredita que os homens, apesar de suas

diferenças, podem se unir para construir um modelo de vida que valorize o encontro com essas diferenças e que as considere intrínsecas à própria condição humana. O sentimento de desamparo decorrente da ausência de política, que foi substituída pela religião - a qual se mantém ativa justamente por falta de política - promove as maiores desgraças na humanidade, as quais poderiam ser evitadas de forma evidente.

A defesa antropológica de Feuerbach concentra-se, acima de tudo, no conceito de homem integral. O homem integral feuerbachiano é entendido como aquele que tem suas necessidades básicas supridas, como alimentação, educação, saúde e felicidade - direitos que são negligenciados para a maior parte da população e, quando garantidos, muitas vezes são apenas na aparência. Ao iniciar suas *Preleções*, Feuerbach afirma que sua época vive um momento de aparências, e, ao observar com mais atenção, continuamos a viver num mundo de ilusões onde até mesmo o que é ser humano é tema de debates.

Ser humano é ser feliz, pois somente um ser feliz e satisfeito pode ser considerado como completo. Acreditamos que os seres humanos jamais serão plenamente felizes e que a extinção da religião não é uma solução para melhorar a vida humana; pelo contrário, defendemos a liberdade religiosa, mas apenas para situações em que a intervenção do Estado é impossível, como em casos de morte por causas naturais, crises existenciais e questões sobre a origem e o fim do universo. Essas são possibilidades em que a eficácia da religião na sociedade pode ser considerada, mas jamais para justificar as graves contradições existentes entre indivíduos e nações.

O sentimento de desamparo humano só poderá ser superado quando os homens não utilizarem mais a religião como explicação para desgraças que não estão relacionadas à crença religiosa pessoal. A crença em Deus deve ser defendida como um direito de todo e qualquer cidadão, mas quando essa crença é usada como uma ferramenta para manter desgraças e mazelas sociais, ela deve ser eliminada, sem dúvida alguma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. *Religião e modernidade: algumas conclusões acerca do processo de secularização no ocidente*. Cadernos de campo, 2005.

CHAGAS, E. F. O conceito de natureza na filosofia de Ludwig Feuerbach. *Trans/Form/Ação* [Internet]. 2021Jul;44(3):51–68. Available from: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2021.v44n3.04.p51>

CHAGAS, E. F. A autonomia da natureza em Ludwig Feuerbach. **Revista Helius**, v. 2, n. 2, p. 318-338, 5 fev. 2020. Recuperado de [//helius.uvanet.br/index.php/helius/article/view/108](http://helius.uvanet.br/index.php/helius/article/view/108)

CHAGAS, E. F. A vontade é livre? Natureza e Ética em Ludwig Feuerbach. **Revista Dialectus**. Ano 2. n. 6. janeiro – agosto 2015. P. 1-34. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/5200>. DOI: <https://doi.org/10.30611/2015n6id5200>

CHAGAS, E. F. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. *PHILÓSOPHOS, GOIÂNIA, V.15, N.2, P.57-82, JUL./DEZ.2010*

CHAGAS, E. F. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. *Philósophos. Revista de Filosofia, Goiânia*, v. 15, n. 2, p. 57–82, 2010. DOI: 10.5216/phi.v15i2.10857. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/10857>. Acesso em: 23 nov. 2022.

DERANTY, Jean-Philippe. Feuerbach's theory of object-relations and its legacy in 20th century post-hegelian philosophy. *The Southern Journal of Philosophy*. Volume 53, Issue 3 September. 2015, p. 286-310.

DERANTY, Jean-Philippe. Feuerbach's Philosophical Psychology in *Paul Redding (eds) Religion after Kant: God and Culture in the Idealist Era, Cambridge, Cambridge Scholars Publishing, 2012, 147-171*.

DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, Psicopatologia & Saúde Mental*. Paulo Dalgarrondo. – Porto Alegre : Artmed, 2018.

ESPÍNDOLA, Arlei de. Ludwig Feuerbach – confere aplicá-lo o rótulo de ateu inveterado? *Revista Dialectus*. Ano 10. n. 21. p. 318-339, 2021.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. 3ª ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

Preleções sobre a essência da religião. Tradução de José da Silva Brandão. Ludwig Feuerbach ; tradução de José da Silva Brandão. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009. – (Coleção Textos Filosóficos).

FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da Filosofia do Futuro*. Tradução de Artur Morão. – Covilhã, PT : 2008. (Coleção Textos Clássicos de Filosofia).

GARCÍA RÚA, José Luis. Estudio preliminar. In: FEUERBACH, Ludwig. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

- LIMA FILHO, J. E. Comentário a “O conceito de natureza na filosofia de Ludwig Feuerbach”. *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 44, n. 3, p. 69–80, 2021. DOI: 10.1590/0101-3173.2021.v44n3. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/12342>
- LIMA FILHO, J. E. *Antropologia, ética e política em A essência do Cristianismo de Ludwig Feuerbach*. 147 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/21856>>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- LIMA FILHO, J. E. Elementos para uma reflexão política em Feuerbach: uma aproximação inicial ao problema. *Revista reflexões*, Fortaleza-CE - Ano 7, Nº 13 - Julho a Dezembro de 2018 ISSN 2238-6408. Disponível em: <https://revistareflexoes.com.br/wp-content/uploads/2018/07/2.1.2-Edmar-novo.pdf>
- LOPES, R. W. *Antropologia e Moral em Ludwig Feuerbach: sobre felicidade e liberdade / Rafael Werner Lopes / Porto Alegre, RS - Editora Fi, 2014.*
- MELO, Regiany Gomes. *Homem e sensibilidade em Ludwig Feuerbach: crítica à teologia cristã e à filosofia especulativa*. – 2012. 126 f. ; 30 cm. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2012.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo. A carta de Feuerbach a Hegel. *Revista Dialectus*, Fortaleza, ano 8, n. 14, p. 235-247, jan./jul. 2019.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo, "A pergunta de Feuerbach a Stirner: “Que significa ‘ser um indivíduo’?”, *Philosophica* 41 (Abril 2013): 97-108.
- SERRÃO, A. *A humanidade da Razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral / Adriana Veríssimo Serrão / Fundação Calouste Gulbekian fundação para ciência e tecnologia, Braga, 1999.*
- SOUSA, André Luís Bonfim. *A filosofia e a tarefa da interpretação: a hermenêutica em Ludwig Feuerbach*. **REVISTA REFLEXÕES**, FORTALEZA-CE - Ano 4, Nº 6 - Janeiro a Junho de 2015 ISSN 2238-6408. Disponível em: <https://revistareflexoes.com.br/wp-content/uploads/2017/07/4.-A-filosofia-e-a-tarefa-da-interpreta%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- SOUZA, Draiton Gonzaga de. *Zur Ethik Ludwig Feurbachs*. Editora Göttingen: Cuvillier Verlag Göttingen, 1998.
- SOUZA, Draiton Gonzaga de. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach / Draiton Gonzaga de Souza**. – Porto Alegre, 2º ed. 1994. 84 p. Diss. (Mestrado) – PUCRS.
- STEPANHA, N. *As bases do pensamento de Feuerbach e o processo da alienação*. Nelson Stepanha. –1.ed. Curitiba: Appris, 2020.
- SHÜTZ, Rosalvo. *Religião e Capitalismo: uma reflexão a partir do pensamento de Feuerbach e Marx / Rosalvo Schütz*. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2001.
- TOMASONI, F. *Feuerbach e a fratura no pensamento contemporâneo / Francesco Tomasoni*. – São Paulo : Edições Loyola, 2015. – (Coleção leituras filosóficas).

TOMASONI, F. Feuerbach / Francesco Tomasoni. Traduzido por Alessandra Siedschlag – São Paulo :Ideias & Letras, 2022. – (Pensamento Dinâmico).

VELIQ, F. O Conceito de alteridade em Feuerbach. *Synesis (ISSN 1984-6754)*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 54–66, 2020.

ZILLES, Urbano. Filosofia da religião. SP: Paulinas, 2002.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br